

Revista da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

Apoio cultural:

Prefeitura Municipal de Campo Grande.

Distribuição gratuita.



Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

n. 9

setembro de 2005

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

A Revista da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras
foi criada em 2003, na presidência
do acadêmico F. Leal de Queiroz.

Seleção, diagramação e revisão:
H. Campestrini.

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Rua Rui Barbosa, 2.624 – fone/fax (67) 382-1395
79002-365 Campo Grande MS
www.acletrasms.com.br
end. eletr.: acletrasms@acletrasms.com.br

Apresentação

Tenho o prazer de apresentar, principalmente ao estudante de nosso Estado, a Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras n. 9, dedicada a autores do Bolsão Sul-Mato-Grossense, área que compreende os municípios da margem esquerda do rio Pardo, de Selvíria a Costa Rica, desmembrados do município pioneiro de Santana do Paranaíba.

Aquela região é imortal, principalmente porque nela o visconde de Taunay ambientou o romance INOCÊNCIA, figura inspirada pela jovem Jacinta Garcia, da tradicional e numerosíssima família Garcia Leal. Não só: o romance foi traduzido para as mais importantes línguas modernas, o que divulgou sobremaneira aquele pedaço de nosso território.

Com o suceder dos anos e com o surgimento de cidades, apareceram outros escritores, vindos quase todos de outros lugares. Assim, Três Lagoas, por exemplo, se torna, na metade do século passado, um centro de movimentada vida cultural.

Neste número da Revista, o editor teve o cuidado (no que foi feliz) de selecionar todos os autores que, de uma forma ou de outra, marcaram e marcam a literatura do leste sul-mato-grossense, dando-nos, assim, rico panorama de sua produção literária.

Devo, por fim agradecer a nosso editor, acadêmico H. Campestrini, por ter tornado possível esta publicação, e aos acadêmicos Flora E. Thomé e F. Leal de Queiroz a contribuição na indicação e seleção dos autores.

Campo Grande, março de 2006

Reginaldo Alves Araújo
Presidente

Sumário

Homenagem a Inocência

- . O nosso romance. *F. Leal de Queiroz* – 13.
- . Taunay e Inocência. *H. Campestrini* – 17.
- . Inocência. *Raquel Naveira* – 22.
- . O medicamento. *Visconde de Taunay* – 25.

Antologia

- . O Bolsão Sul-Mato-Grossense. *F. Leal de Queiroz* – 30.
- . Elmano Soares. *Flora E. Thomé* – 31.
- . Três Lagoas. *Elmano Soares* – 32.
- . Rio Paraná. *Elmano Soares* – 33.
- . Cachoeira. *Elmano Soares* – 33.
- . As estações. *Elmano Soares* – 34.
- . A árvore. *Elmano Soares* – 34.
- . A enxada. *Elmano Soares* – 35.
- . O garimpeiro. *Elmano Soares* – 36.
- . O carteiro. *Elmano Soares* – 36.
- . O escoteiro. *Elmano Soares* – 37.
- . Crença íntima. *Elmano Soares* – 37.
- . Espiritualidade. *Elmano Soares* – 38.
- . A saga do Sete Orelhas. *Rui Garcia Dias* – 39.
- . No tiro ou na faca? *Rui Garcia Dias* – 46.
- . Três Lagoas. *Júlio Mancini* – 47.
- . Buriti perdido. *Júlio Mancini* – 47.
- . Na roça. *Júlio Mancini* – 48.

- . As avoantes. *Júlio Mancini* – 48.
- . Ruínas. *Júlio Mancini* – 49.
- . Como era lindo o meu sertão!. *Sá Carvalho* – 49.
- . Os sonetistas de Três Lagoas. *José Couto V. Pontes* – 58.
- . O umbuzeiro. *Sabino José da Costa* – 62.
- . Cavaleiro da esperança. *Sabino José da Costa* – 62.
- . O romeiro. *Sabino José da Costa* – 63.
- . Coração sem mágoa. *Sabino José da Costa* – 63.
- . Prece de poeta. *Sabino José da Costa* – 64.
- . Aventuras duma coruja. *Sabino José da Costa* – 64.
- . Cassilândia. *Hermelina Barbosa Leal* – 65.
- . Haicais. *Flora E. Thomé* – 68.
- . Retratos. *Flora E. Thomé* – 71.
- . À professora anônima. *Aldo de Queirós* – 80.
- . Apenas flores. *Aldo de Queirós* – 81.
- . O meu balão. *Aldo de Queirós* – 81.
- . O buriti. *Aldo de Queirós* – 82.
- . Paranaíba. *Aldo de Queirós* – 83.
- . Pequeno esmoler. *Aldo de Queirós* – 82.
- . Tuíca. *Tonico Lemos* – 83.
- . A vendedora de rosas. *Rosário Congro* – 86.
- . Palmeira. *Rosário Congro* – 87.
- . A mangueira. *Rosário Congro* – 88.
- . Reminiscências. *Rosário Congro* – 89.
- . Três Lagoas. *Tertuliano Amarilha* – 92.
- . O templo dos templos. *João Magiano Pinto* – 92.

Pérolas da Poesia Brasileira

História antiga*

No meu grande otimismo de inocente,
Eu nunca soube por que foi... um dia,
Ela me olhou indiferentemente,
Perguntei-lhe por que era... Não sabia...

Desde então, transformou-se de repente
A nossa intimidade correntia
Em saudações de simples cortesia
E a vida foi andando para a frente...

Nunca mais nos falamos... vai distante...
Mas, quando a vejo, há sempre um vago instante,
Em que seu mudo olhar no meu repousa,

E eu sinto, sem no entanto compreendê-la,
Que ela tenta dizer-me qualquer coisa,
Mas que é tarde demais para dizê-la...

Ingratidão

Nunca mais esqueci!... Eu era criança
E em meu velho quintal, ao sol nascente,
Plantei, com a minha mão ingênua e mansa,
Uma linda amendoeira adolescente.

Era a mais rútila e íntima esperança...
Cresceu... cresceu... e, aos poucos, suavemente,
Pendeu os ramos sobre um muro em frente
E foi frutificar na vizinhança...

Daí por diante, pela vida inteira,
Todas as grandes árvores que em minhas
Terras, num sonho esplêndido semeio,

Como aquela magnífica amendoeira,
Eflorescem nas chácaras vizinhas
E vão dar frutos no pomar alheio...

Legenda dos dias

O homem desperta e sai cada alvorada
Para o acaso das cousas... e, à saída,
Leva uma crença vaga, indefinida,
De achar o Ideal nalguma encruzilhada...

As horas morrem sobre as horas... Nada!
E ao poente, o Homem, com a sombra recolhida,
Volta, pensando: “Se o Ideal da Vida
Não vejo hoje, virá na outra jornada...”

Ontem, hoje, amanhã, depois e, assim,
mais ele avança, mais distante é o fim,
mais se afasta o horizonte pela esfera;

E a Vida passa... efêmera e vazia:
Um adiamento eterno que se espera
Numa eterna esperança que se adia...

Pudor

Quando fores sentindo que o fulgor
Do teu Ser se corrompe e a adolescência
Do teu gênio desmaia e perde a cor,
Entre penumbras em deliquescência,

Faze a tua sagrada penitência,
Fecha-te num silêncio superior,
Mas não mostres a tua decadência
Ao mundo que assistiu teu esplendor!

Foge de tudo para o teu nadir!
Poupa ao prazer dos homens o teu drama!
Que é mesmo triste para os olhos ver

E assistir, sobre o mesmo panorama,
A alegoria matinal subir
E a ronda dos crepúsculos descer...

* Sonetos de Raul de Leôni

Homenagem a



INOCÊNCIA

Na página anterior, quadro retratando a personagem Inocência, do romance homônimo. O pintor, Tônico Lemos, de Paranaíba, baseou-se nos desenhos que ilustram algumas edições da obra e em pesquisas fisionômicas de parentes distantes daquela personagem.

O nosso romance

F. Leal de Queiroz

Apresentar INOCÊNCIA é um ato de orgulho, de vaidade e de memória: de orgulho, porque é ele o romance símbolo de Mato Grosso do Sul; de vaidade, porque os pais de Jacinta Garcia (a inspiradora de Inocência) eram primos (segundos) de meu bisavô materno; de memória, porque fui criado naquele universo, ouvindo aquelas histórias, percorrendo aqueles caminhos, fruindo aquele encanto da natureza.

Para nós, INOCÊNCIA tem o cheiro da terra, da terra de nossos antepassados, dessa terra que nos criou, alimentou, circunscreveu nossos sonhos infantis e cativou, para sempre, o então jovem tenente – mais tarde Visconde de Taunay.

INOCÊNCIA é essencialmente o romance da terra paranaibense. O autor não só colheu as diversas personagens ao longo do sertão santanense (*ver o roteiro no texto seguinte*), como também locou o romance na vila de Santana e nas suas proximidades.

Taunay é, sem dúvida, o escritor de renome nacional que mais se envolveu com Mato Grosso do Sul, região que o fascinou e de que nunca mais se esqueceu, como escreveu: *Essa bela região mato-grossense de que não me olvidei mais nunca, pois ali passei belos dias, deixando nelas pessoas que ainda hoje me mostram amizade real e desinteressada*. Vale dizer que sua vida ficou indelevelmente marcada pela passagem por estas terras, durante a campanha de Laguna. Muito observou, muito anotou – servindo-lhe tudo para diversas obras, entre elas as imortais A RETIRADA DA LAGUNA (1871) e INOCÊNCIA (1872).

Imortais, sem dúvida. A primeira vem sendo sistematicamente estudada, principalmente por historiadores. A segunda continua lida e recomendada – e continuará, porque é um dos clássicos da literatura brasileira. Aliás, o próprio Taunay (MEMÓRIAS, p. 124) reconhecia: *Talvez para sempre, pode parecer imodéstia de minha parte; mas não sei, nutro a*

ambição de que hão de chegar à posteridade duas obras minhas: A RETIRADA DA LAGUNA e INOCÊNCIA... Para corroborar estas idéias, transcrevo apreciações de respeitados críticos de nossa literatura.

A. Soares Amora comenta: *INOCÊNCIA, um dos livros mais lidos da nossa literatura romântica, não só no Brasil como também no estrangeiro. Com realismo descritivo, que chegou a ser minucioso, este romance rural fixa a paisagem e os costumes do sertão brasileiro, e nesse meio rústico, concedendo tudo ao estilo e ao gosto romântico, desenrola um drama passionnal (...). INOCÊNCIA é dos romances românticos o que melhor fixou o ambiente do sertão do Brasil Central, sua natureza e os seus tipos humanos. (HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, São Paulo, Sarai-va, 1967, p. 57).*

Alfredo Bosi escreve: *No âmbito de nosso regionalismo, romântico ou realista, nada há que supere INOCÊNCIA em simplicidade e bom gosto, méritos que o público logo lhe reconheceu, esgotando sucessivamente mais de trinta edições sem falar nas que, já no século passado (séc. 19), se fizeram em quase todas as línguas cultas. (HISTÓRIA CONCISA DA LITERATURA BRASILEIRA, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 161).*

Nelson Werneck Sodré afirma: *Com uma extraordinária memória visual, (Taunay) reconstitui os ambientes do interior com a miúda fidelidade que tantos confundiram com realismo, enquanto transfere também a alguns tipos essa fidelidade, copiando-os simplesmente da vida e esmerando-se em situá-los na moldura exata em que os conheceu – como falavam, como procediam, como sentiam as coisas e os sentimentos. (...) Tal verossimilhança, entretanto, está presente nos outros traços desse paisagista feliz, e por isso sobrevive ao que, nele, foi a carga deformadora da escola. Sobrevive pelo menos em INOCÊNCIA, livro singular em nossas letras, de longa vida e afortunada, difundido e lido através do tempo. (HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, 6. ed., São Paulo, Civilização Brasileira, 1976, p. 325).*

Afrânio Coutinho pergunta: *A que se deve essa impressionante popularidade de INOCÊNCIA?* E responde: *A uma história de amor de acentuado sabor romântico, que se passa no interior do Brasil, na região central, junta INOCÊNCIA uma descrição realista de hábitos e costumes,*

episódios e cenários da vida sertaneja, até então inédita em nossa literatura. (...) O cunho de novidade que lhe registraram os contemporâneos provém do realismo e certa graça com que fixou os costumes sertanejos, da descrição e, alguma vez, quase explicação dos cenários da história, da leveza e naturalidade dos diálogos espontâneos e vivos que pontuam a narrativa, alguns deles suficientes à caracterização das personagens, do registro de brasileirismos peculiares à região ou de particularidades do falar local, e, finalmente, à maneira natural e simples com que movimentou personagens e fatos do romance. Além disso, havia a nota exótica da inclusão de um naturalista estrangeiro, como personagem de importância na história. Esse fato permitiu considerável alargamento do mundo de INOCÊNCIA, pela possibilidade da coexistência de dois pontos de vista face à mesma matéria narrada. (A LITERATURA NO BRASIL, 2. ed., v. II, Rio, Ed. Sul Americana, 1969, p. 269).

Mais do que ninguém, nós, habitantes deste rincão, sabemos do valor do romance. Palmilhamos esse extenso pedaço de chão e reconhecemos todos esses caminhos, pousos e fazendas. Sem dúvida, somos testemunhas e – por que não? – partícipes desta história, muito importante para Mato Grosso do Sul, podendo-se afirmar, sem receio de injustiça, que é o romance símbolo deste Estado. Por algumas razões.

A primeira, certamente, porque é o livro – ímpar em nossa história – que melhor descreve a paisagem sul-mato-grossense. Taunay, pintor, observador perspicaz dos detalhes, retratou-a com primorosa fidelidade. A descrição da queimada e do sertanejo (*no capítulo I*) é surpreendentemente real: certos detalhes daquelas e da conduta deste nos surpreendem, a nós, mais antigos, que, por anos e anos, as presenciamos e com o qual convivemos.

A segunda é a fidelidade com que retrata as personagens, quase todas inspiradas em moradores da região, cujos usos e costumes o autor observou e anotou. No romance, o editor fez questão de trazer estas referências, empregando o testemunho do próprio Taunay.

A terceira é a felicidade com que Taunay captou, nas conversas dos pousos, com fazendeiros, vaqueiros e sertanejos, a linguagem e a conduta dessa gente que veio *das Gerais*. Qualquer habitante de então

teria as ações e reações, os conceitos e preconceitos de Pereira. Os amores, tão vigiados e castigados, eram comuns e faziam com frequência suas vítimas, como Inocência.

Acrescente-se: a linguagem, embora escorreita (empregando, por exemplo, a norma culta na colocação e aglutinação de pronomes átonos), resgata a fala simples, espontânea, ingênua até, do mineiro que se arranchou nestas bandas.

A quarta, porque Taunay, arguto observador, construiu a história sem desfigurar personagens e paisagens, sem questionar valores ou condutas. Viu, anotou, escreveu. Com encantamento.

Cabe, por fim, realçar que INOCÊNCIA, em verdade, não é uma obra de ficção. É, sim, a história verdadeira de alguns de nossos antepassados (que serviram de protótipo), de nossos usos e costumes, tendo nossa terra como cenário, urdida com fios de ficção (nisto o autor foi sumamente feliz), o que dá à obra este toque de perene atração e magia.

Este o INOCÊNCIA que o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul oferece ao público brasileiro, principalmente ao estudante sul-mato-grossense, para quem, em especial, foi preparada esta tão cuidada edição.

Anotou-o o historiador Hildebrando Campestrini, que, além de abalizado filólogo e perito nas obras de Taunay, é quem melhor conhece a história de Santana do Paranaíba. Tão responsável com as informações, que percorreu, algumas vezes, toda a região, refazendo o percurso de Taunay, pesquisando lugares e pessoas. O leitor encontrará, como resultado, no referencial histórico, fotos, ilustrações e mapas; e, ao longo do texto, mais de três centenas de notas.

Sem medo de errar, pode-se afirmar que, das edições conhecidas, esta é seguramente a mais completa.

Paranaíba, setembro de 2005.

Nota.

Prefácio para a edição histórica do romance INOCÊNCIA, publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Taunay e INOCÊNCIA

H. Campestrini

Taunay é, até hoje, o autor que mais escreveu sobre o sul de Mato Grosso uno, hoje Mato Grosso do Sul – com elevada qualidade, produzindo trabalhos sérios, profundos e bem escritos.

Taunay começou a conhecer este Estado em 24 de novembro de 1865, quando, como jovem (22 anos) tenente-engenheiro da Força Expedicionária de Mato Grosso entrou nele em Baús e chegou, em meados de dezembro seguinte, ao Núcleo Colonial do Taquari (atual Coxim), destruído pelos paraguaios. Aí a Força estacionou por quase seis meses. Pouco depois da chegada àquele local, foi encarregado de fazer, com colegas engenheiros, o levantamento do terreno até o rio Piquiri (aonde haviam chegado os invasores); depois, com o colega Lago, até os Morros (perto de Aquidauana), para encontrar, para a tropa, o melhor caminho de Coxim a Miranda.

Nos Morros passou alguns meses pesquisando o relevo e fazendo anotações topográficas, geográficas, de flora, fauna e sobre os habitantes daquele local.

Em junho do ano seguinte, a Força Expedicionária partiu de Coxim para chegar (passando pelo rio Negro e pela fazenda Taboco) a Miranda no dia 17 de setembro seguinte. No início de 1867, a Expedição deixou a cidade deslocando-se para Nioaque, onde se iniciou, no dia 25 de fevereiro, o avanço sobre Laguna (no Paraguai, perto da fronteira), resultando na heróica retirada, concluída no porto do Canuto (perto de Aquidauana hoje) em 11 de junho. No dia 17 posterior, Taunay, enviado pelo comando à Corte para levar o relatório da campanha, iniciava a viagem, que duraria quarenta e seis dias.

Excepcional observador e de cultura surpreendentemente ampla e profunda para a idade (24 anos), Taunay anotou tudo. Mais tarde, surgiram trabalhos clássicos, como a RETIRADA DA LAGUNA (principal fonte sobre aquele episódio), INOCÊNCIA, VIAGENS DE OUTRORA, MEMÓRIAS (boa parte sobre sua passagem por Mato Grosso do Sul), CAMPANHA DE MATO GROSSO (CENAS DE VIAGEM), DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, EM MATO GROSSO INVADIDO, MARCHA DAS FORÇAS.

Neles Taunay não só descreveu os episódios da Força Expedicionária de Mato Grosso mas tudo que viu. Só para exemplificar: *O Rio Aquidauana* (primeiro capítulo de VIAGENS DE OUTRORA, p. 7–33) é, até hoje, o melhor estudo sobre aquela corrente.

Saindo, com alguns companheiros, do porto do Canuto, Taunay alcançou (depois de passar pela fazenda dos Dois Irmãos, pelo Correntes, pelo Cachoeirão e pela palhoça do Mota) a Encruzilhada do Nioaque (perto de Campo Grande, hoje, aproximadamente onde está o povoado de Indubrasil). Chegando àquela Encruzilhada, a comitiva planejou atravessá-la durante a noite, porque existia ainda a dúvida se os paraguaios *para lá haviam mandado algum destacamento*.

Da lagoa do Paula (hoje Lagoa da Cruz, ao norte de Campo Grande) dirigiu-se ao rio das Botas, depois ao das Perdizes, do Maribondo (onde está hoje a cidade de Jaraguari), ao Pontinha (adiante de Bandeirantes hoje), infletindo à direita para atingir as cabeceiras do rio Pardo (na época Sanguessuga) em 24 (de junho), já nas proximidades da fazenda Camapuã.

No dia seguinte, visitou as ruínas daquela fazenda e, seguindo viagem, passou pelo Corredor (onde encontrou estacionados comerciantes que buscavam a Força Expedicionária de Mato Grosso), renteou o pico da Cilada, atravessou os córregos Brejão e Claro e o rio Verde (este a nado) e, depois do Ranchinho e do pouso do Baú, alcançou, no dia 30 de junho, o retiro de Pereira, *sentinela avançada do sertão de Santana – bom mineiro, que cria algum gado e recebe os viajantes com cordialidade nascida do coração* (VIAGENS, p. 54).

Em MEMÓRIAS (p. 391) completa a informação: *No dia 30 estávamos no vasto rancho do Sr. José Pereira, bom mineiro que nos acolheu otimamente e era o primeiro morador que encontrávamos à saída do sertão bruto de Camapuã e à entrada do de Santana do Paranaíba, um pouco mais habitado*.

No romance, o pai de Inocência será Pereira. Taunay registrou: *Aliás, nesse sertão, próximo já da vila de Santana do Paranaíba, colhi os tipos mais salientes daquele livro, escrito uns bons cinco anos depois de lá ter transitado* (MEMÓRIAS, p. 395).

De fato, como o leitor verá a seguir, Taunay criou quase todas as personagens do romance a partir de pessoas que encontrou do sítio de Pereira até a vila de Santana do Paranaíba. Nos parágrafos seguintes far-se-á esta relação.

Deixando o sítio de Pereira, pouco adiante atravessou o rio Sucuriú, em canoa conduzida por *homúnculo mudo* e habilidoso, que será o Tico do romance; passou pelo José Veríssimo e pela tapera e, depois de atravessar o Indaiá Grande, renteando a Capela, alcançou a fazenda do Vau. *Quem nos deu hospitalidade foi uma viúva alquebrada de desgostos, pálida e desgrenhada. Dona da mais importante propriedade daquelas cem léguas em derredor, vivia desconsolada e amofinada, cercada de filhos, que se iam casando dos 18 aos 20 anos, caquéticos e doentios* (VIAGENS, p. 56). Aí pernoitou de 2 para 3 de julho, com *tropeiros ali parados e com destino às forças* (da Retirada da Laguna).

Em MEMÓRIAS (p. 394) completa: *A dona não nos acolheu mal, em sua vasta e feia habitação, casa de sobrado, mas com pé direito e segundo pavimento ambos muito baixos e acaçapados. (...) Tinha filhos já crescidos e o mais velho que não contava mais de dezoito anos, devia em breve casar-se com uma prima, naturalmente tão entanguida, caquética e desamorável como o noivo. Daí quem sabe? Não foi de um desencontro desses que tirei o assunto do meu romance INOCÊNCIA, cuja heroína, pela beleza e elegância, devia encontrar alguns pousos além deste do Vau.*

Seguindo, depois de vencer o ribeirão Indaiazinho, chegou ao rancho de Manuel Coelho, que sofria de mal-de-engasgo. Este Coelho será, no romance, a personagem do empalamado. Despedindo-se daquela *gente afável*, pernoitou no pouso das Perdizes, onde encontrou *uma grande cruz fincada sobre uma sepultura (...), de um oficial das infelizes forças de Mato Grosso, que acometido de paralisia, ali havia falecido quando procurava reunir-se à sua família.* E conclui: *Ao lado do morto descansaram os vivos; companheiros de uma noite, fruímos transitório o sono que ele tem eterno.* (VIAGENS, p. 58).

No dia 4 de julho almoçou na casa de João Garcia, *parente chegado da fazendeira do Vau* (este Garcia será, no romance, a personagem do morfético).

Na casa de Garcia conheceu Jacinta, *uma menina quase moça, de grande beleza, já votada ao sacrifício do casamento com um de seus primos próximos, fato usual no interior, onde as famílias mais distintas são obrigadas a esses enlaces de parentesco pelo pequeno número de gente de igual classe* (VIAGENS, p. 58).

Em MEMÓRIAS (p. 398), Taunay descreve como conheceu Jacinta: *Dali a pouco penetrava na saleta uma moça, na primeira flor dos anos, e tão formosa, tão resplandecente de beleza, que fiquei pasmado, enleado positivamente de boca aberta.*

Afigurava-se-me que um ente sobrenatural havia feito sua aparição e lembrei-me da frase tão exata e expressiva do grande Goethe, quando descreve a impressão que causara a entrada de Dorotéia numa sala: “Parecia que aquele ambiente acanhado se tornava imenso, e transformava-se num espaço enorme!”

Tão clara a minha admiração que o velho pôs-se a rir: – Então acha bonita a minha neta?

– Com efeito – foi só que pude responder a esta pergunta, tão singular, tão rara e digna de reparo naquelas distantes paragens. E com os olhos embelezados, segui todos os gestos daquela excepcional sertaneja, que não se mostrava lá muito acanhada. Os seus encantos revestiam aquele quartinho de chão batido e paredes nuas de indizível e estupendo prestígio.

– Daqui a três semanas – declarou-me o avô, casa-se com um primo. Mas o senhor quer ver que desgraça? A pobrezinha da inocente já está com o mal!...

E, levantando-lhe um maço de esplêndidos cabelos, mostrou-me o lóbulo da orelha direita tumefato e roxeado! Toda essa radiosa e extraordinária formosura estava condenada a ser pasto da repugnante lepra!

A esta hora, passados tantos anos, que será feito da infeliz Jacinta, cujo desabrochar na vida se rodeara de tanta magia?! Ó poder da beleza! No momento em que escrevo este nome, reproduzo em imaginação aquela fisionomia doce, suave, sedutora, aquela cútis acetinada e alva, os olhos aveludados, grandes, cintilantes, o nariz de inexcedível correção quer de frente, quer de perfil, os lábios purpurinos a deixarem

entrever dentes deslumbrantes!... Que admirável conjunto, minutos apenas contemplado e entretanto para sempre fixado na memória!

Jacinta Garcia deu, pois, nascimento moral a Inocência. Não levei, porém, a exatidão e maldade a ponto de, também, desta fazer desgraçada morfética. Não! fora demais!

Encantou-o de tal forma a beleza de Jacinta que não só a lembraria por toda a vida, como também a transformaria na protagonista Inocência, a Julieta dos nossos sertões.

Mais adiante (dia 5), Taunay passou pelo *rancho novo* de José Roberto, pernoitando na casa do fazendeiro Fabiano. No dia 6, pernoitou na casa de Joaquim Leal, que será, no romance, vizinho da propriedade do pai de Inocência. Em seguida, depois de três léguas, chegou à casa de Albino Lata, distante quatro léguas da vila.

Dia 7 para 8 pernoitou em Santana do Paranaíba, no sobrado de Melo Taques, que também será personagem, para, no dia seguinte, alcançar o Triângulo Mineiro e, daí, São Paulo, e chegar ao Rio de Janeiro em 1.º de agosto.

A tradição oral santanense refere que Taunay começou a escrever o romance no sobrado de Melo Taques. Não parece razoável, até pelo depoimento do próprio Taunay. Mas não se pode negar o que escreveu Alfredo de E. Taunay (seu filho, em carta a paranaibenses): *INOCÊNCIA é fundamentalmente o romance de Santana do Paranaíba, antes de qualquer característico. Se não foi escrito dentro da então vila santanense, pois nela seu autor permaneceu um dia, de 7 para 8 de julho de 1867, foi todo ele observado dentro do território de Santana. Mais expressivamente ainda se pôde alegar que todo ele foi concebido enquanto seu autor cruzava aquelas terras enormes do município, tão grande então quanto as áreas de quatro reinos europeus.*

Forçoso é reconhecer que a genialidade de Taunay está em aglutinar, numa trama ficcional, todas aquelas figuras verdadeiras movimentando-se naquele universo também real, numa linguagem que caracteriza aquela gente. Acrescente-se que Taunay encontrou assim a vila de Santana: *Su-
bindo uma ladeira onde há míseras casinholas, chega-se à principal
rua da povoação, outrora florescente núcleo de população, hoje dizima-*

da das febres intermitentes, oriundas das enchentes do Paranaíba, ou pelo menos já estigmatizada desse mal, o que quer dizer o mesmo, visto como os moradores que de lá fugiram, não volta mais; 800 habitantes mais ou menos, três ou quatro ruas bem alinhadas, uma matriz em construção, há muitos lustros, o tipo melancólico duma vila em decadência, o silêncio por todos os lados, crianças anêmicas, mulheres descobertas, homens desalentados. (VIAGENS, p. 62).

Em INOCÊNCIA, a descrição de Santana do Paranaíba foi mais simpática, quando detalha a chegada de Cirino à vila.

Se Taunay pudesse voltar à cidade que tanto o admira e que tanto lhe é grata – encontraria um lugar que não lembra, nem de longe, aquela vila. Com uma população urbana em torno de 40.000 habitantes, Paranaíba está completamente saneada, com todos os equipamentos necessários ao bom funcionamento de uma cidade, tanto que é, em Mato Grosso do Sul, uma das melhores em qualidade de vida.

Inocência

(Poema inspirado no romance INOCÊNCIA, do visconde de Taunay)

Raquel Naveira

Sertão bruto,
Infinito,
Desafio para o espírito;
Era ali,
Naquele mar de verde pasto,
Que vivia Inocência,
Com sua beleza doente,
Seu jeito esquisito
De feiticeira do mato.

Era ali,
Entre os laranjais
De flores brancas e perfumadas,
Bem próxima ao córrego,

Que ficava sua tapera;
Na noite escura
Apenas uma vela de sebo
Iluminava o canapé de taquara
Onde ela se recostava
Num silêncio de espera.

Era ali
Que seu pai,
Com desconfiança,
Percebendo que a filha
Já não era criança,
Até nas coisas seguras
Temia a desgraça.

Era ali
Que Tico,
O anão sinistro
Barqueiro apaixonado,
Tudo observava
Com olhos de fogo,
Pequeno demonico.

Um dia,
Apareceu Cirino,
O médico,
O doutor,
Pronto a curar com quina
E leite de jaracatiá,
Inocência entregou a ele
Sua febre,
Sua sina,
Sua fome de amar.

Havia Manecão,
O noivo ausente,

A aliança,
A promessa,
A honra,
A palavra empenhada;
Com Cirino
Era a culpa,
O desejo
E os encontros na madrugada.

Como romper valores
De um mundo cruel e atrasado?
Aos amantes restou a morte,
Total libertação.

Meyer, um naturalista
Que caçava insetos,
Viu em Inocência
Uma alma,
Uma essência,
Um ser com tão pouca consciência de si
E, ao mesmo tempo,
Tão cheia de resistência,
Que resolveu,
Para o bem da ciência,
Para vencer tanta dor e intransigência,
Tanta falta de clemência
E para que esta história
Tivesse eterna permanência,
Batizar com o nome de “Papilio Innocentia”
Uma borboleta,
Olhe...

Aquela ali,
Que bate as asas
Sobre o azul de uma hortênsia.

O medicamento

Visconde de Taunay

Quando Cirino entrou no quarto de Inocência, já estava ela acordada. Sentara-se o pai à cabeceira da cama, a cujos pés se acocorara Tico, o anão, sobre uma grande pele de onça.

– Então – perguntou o médico tomando o pulso à mimosa doente – como se sente?

– Melhor – respondeu ela.

– Suou bastante?

– Ensopei três camisas.

– Muito bem... Agora a senhora está com a pele fresquinha que mete gosto. Isto de sezões, não é nada, se a gente acode a tempo e o sangue não tem maus humores. Mas quando tomam conta do corpo, nem o demo com ela pode. Que é do café? – pediu ele em seguida a Pereira.

– Já vem já... Homem, vou eu mesmo buscá-lo, lá à cozinha. A Maria Conga está ficando uma verdadeira lesma. Venha para aqui e espere-me um nadinha.

Levantando-se então da cadeira, indicou-a a Cirino, a quem fez sentar antes de sair.

Ficou este, pois, ao lado da menina e, como sobre o lindo rosto batesse de chapa a luz colocada numa prateleira da parede, pôs-se a contemplá-la com enleio e vagar, ao passo que da sua parte o anão lhe deitava olhares inquietos e algo sombrios.

Pousara Inocência a cabeça no travesseiro e, para ocultar a perturbação de se ver tão de perto observada, fingia dormir. Pelo menos tinha as grandes pálpebras cerradas e o rosto sereno; mas arfava-lhe apressado o peito e, de vez em quando, fugaz rubor lhe tingia as faces descoradas.

Pereira tardava; e Cirino com os olhos fixos, a fisionomia meditativa e um pouco de palidez, que denunciava a íntima comoção, não se fartava de admirar a beleza da gentil doente.

Uma vez, entreabriu os olhos e a medo atirou um olhar que se cruzou com o do mancebo, olhar rápido, instantâneo, mas que lhe repercutiu direito ao coração e lhe fez estremecer o corpo todo.

Sem saber por que, batia-lhe o queixo e um arrepio de frio lhe circulava nas veias.

– Sente mais febre? – perguntou Cirino muito baixinho.

– Não sei – foi a resposta, e resposta demorada.

– Deixe-me ver o seu pulso.

E, tomando-lhe a mão, apertou-a com ardor entre as suas, retraindo-a, apesar dos ligeiros esforços que, para retraindo-a, empregou ela por vezes.

Nisto, entrou Pereira. Inocência fechou com presteza os olhos e Cirino voltou-se rapidamente, levando um dedo aos lábios para recomendar silêncio.

– Está dormindo – avisou com voz sumida.

– Ora – disse Pereira no mesmo tom – a tal Maria Conga deixou entornar a cafeteira, de *maneiras* que precisei fazer outra porção. Demorei muito?

– Não – respondeu Cirino com toda a sinceridade.

– Mas agora – observou Pereira – é mister acordar a pequerrucha.

– Não há outro remédio.

Chegou-se o pai à cama e, com todo o carinho, chamou: *Nocência! Nocência!*

E como não a visse despertar logo, sacudiu-a com brandura até que ela abrisse uns olhos espantados.

– Apre! Que sono! – disse o bondoso velho. – Num instante que fui lá dentro?!... Vamos, são horas de tomar a mezinha.

Deitara Cirino sulfato de quinina no café e diluía-o vagarosamente. – Olhe, dona – aconselhou ele – beba de um só trago e chupe, logo depois, uns gomos de limão-doce.

– Então é muito mau? – choramingou a doente.

– É amargo; mas num gole mecê toma isto.

– Papai – recalcitou a moça – não quero... eu não quero.

– Ora, filhinha do meu coração, não se *canhe*; é preciso... Amanhã há de você sentir-se boa; não é, doutor?

– Com certeza, se tomar esta poção – assegurou Cirino.

– Depois, quando eu *ir* lá à vila, hei de trazer para você uma cousa bonita... uns *lavrados*. Ouvia?

– Nhor-sim.

– Ande, Tico – acrescentou o mineiro voltando-se para o anão – vai depressa buscar limão-doce; na cozinha há um meio *casgado*.

– Tome, dona – implorou por seu turno Cirino, aproximando o pires da boca da formosa medicanda.

Levantou esta uns olhos súplices e, agarrando resolutamente o remédio, bebeu-o todo de um jato. Depois deu um suspiro de enjôo e ficou com os lábios entreabertos, à espera que o adocicado sumo do limão lhe tirasse o amargor do medicamento.

– Então – exclamou Pereira – era maior o medo que a cousa em si! Você tomou a dose numa *relancina*.

– Amanhã de manhã, ou melhor, hoje de madrugada, temos que engolir outra dose – declarou Cirino. – Depois a dona poderá levantar-se.

– Ainda outra? – protestou Inocência com gesto de amuo.

– Nhã-sim; é de toda a *percisão* – replicou o amoroso médico, modificando pela suavidade da voz a dureza das prescrições.

– De certo – corroborou também Pereira.

– Depois deve mecê deixar de comer carne fresca, ervas, ovos ou farinha de milho por um mês inteiro, e de provar leite por muito tempo. Há de sustentar-se só de carne de sol bem seca, com arroz quase sem sal e por cima tomará café com muito pouco *doce*.

– Fica a meu cuidado – asseverou Pereira – olhar para o *rejume*.

– Agora, durma bem e não se assuste de lhe aparecer zoeira nos ouvidos e até de se sentir mouca. Isto é da mezinha; pelo contrário é muito bom sinal.

– Estes doutores sabem tudo – murmurou Pereira, dando ligeiro estalo com a língua.

Não se descuidou Cirino, antes de se retirar, de novamente tomar o pulso e, à conta de procurar a artéria, assentou toda a mão no punho da donzela, envolvendo-lhe o braço e apertando-o docemente.

Saiu-se mal de tudo isso; porque, se tratava da cura de alguém, para si arranjava enfermidade e bem grave.

Com efeito, de volta à sala dos hóspedes, não pôde mais conciliar o sono e, sem que houvesse conseguido fruir um só momento de descanso, viu raiar a aurora. Parecia-lhe que o peito ardia todo em chamas a subirem-lhe às faces, abrasando-lhe o pensamento.

Aquele venusto rosto que contemplara a sós; aqueles formosos olhos, cujo brilho a furto percebera, aquele colo alabastrino que a medo se descobrira, aquelas indecisas curvas de um corpo adorável, todo aquele conjunto harmonioso e encantador que vira à luz de frouxa vela, fatalmente o lançavam nesse pélagos semeado de tormentos que se chama paixão!

Efeitos de tão temível mal já ia o mísero sentindo. Inquieto se revolvia (fato virgem!) no duro leito, ao passo que a respiração isocrônica e ruidosa do companheiro de hospedagem, o alemão Meyer, respondia ao sonoro ressonar do gárrulo José Pinho.

(INOCÊNCIA)

Antologia

A seguir, textos de diversos autores (a maioria, da região), principalmente sobre fatos e aspectos do Bolsão Sul-Mato-Grossense.

O Bolsão Sul-Mato-Grossense

A presente edição da Revista homenageia aqueles que foram presentes ou estão cultivando a seara cultural do Bolsão Sul-Mato-Grossense. Mas o que é ou por que Bolsão?

Quem explica é a professora Conceição Aparecida Queiroz Gomes, em sua pesquisa para o Curso de Graduação (1994) da Universidade Federal de MS – Três Lagoas: *O nome Bolsão começou a ser adotado anterior à divisão do Estado de Mato Grosso, levando-se em consideração as dificuldades de comunicação com a capital, Cuiabá, ficando esta região totalmente isolada do poder de decisão do centro político-administrativo, o que fortaleceu a união entre os municípios que a constituíram.*

A área conhecida como Bolsão localiza-se a leste e norte do Estado, compreendendo as microrregiões de Três Lagoas e Paranaíba, abrangendo os seguintes municípios: Três Lagoas, Brasilândia, Santa Rita do Pardo, Água Clara, Selvíria, Paranaíba, Aparecida do Tabuado, Inocência, Cassilândia, Chapadão do Sul e Costa Rica.

A origem da designação Bolsão está vinculada às campanhas políticas, como bandeira do Partido Social Democrático (PSD), a partir de 1950, quando surgiu a candidatura de Filadelfo Garcia, a deputado federal, pessoa da estrita confiança de Filinto Müller. Atendendo sugestão de sua cúpula na postulação do cargo, traduzia sua intenção em destacar a unidade administrativa e política. Entretanto, nas eleições de 1954 e 1958, é que se popularizou a denominação Bolsão. Ainda, segundo a professora Conceição Aparecida, *o fortalecimento político do Bolsão veio com a eleição do candidato do Estado de Mato Grosso, Dr. Pedro Pedrossian, em 1965 (...), candidatura surgida no Sul do Estado, onde tinha sua base política, apoiado por todos os municípios que formavam o Bolsão.*

Esta edição, portanto, põe em destaque uma gama de intelectuais da região, com primorosa produção literária, do passado e presente, enriquecendo sobremaneira a cultura do venturoso Estado de Mato Grosso do Sul.

F. Leal de Queiroz

Elmano Soares

Flora E. Thomé

“Falar de Elmano Soares ou traçar seu perfil biográfico não é tarefa das mais fáceis. Elmano, personalidade polêmica, era jornalista, cronista, historiador, poeta e político. Quando abraçava uma causa ou idéia, “tinha rajadas cortantes de minuano”, tamanha era sua impetuosidade. Para ele, o homem tinha que caminhar! Lutar! Tentar! Disputar! Assumir! Sua vida, um exemplo de lutas e sacrifícios! Tinha uma sede. Uma grande sede. Um grande sonho. Uma grande vontade: possuir seu próprio jornal. E dele fazer sua “trincheira” de ação. A 10 de outubro de 1920, juntamente com Bernardo de Oliveira Bicca, edita o primeiro número da combativa Gazeta do Comércio. Elmano era o seu redator principal e, com inteligência e tenacidade, fez desse órgão de imprensa um dos mais conceituados e respeitados da região e do Estado. A Gazeta do Comércio fora para Elmano e Lídia Soares a filha que não tiveram. Com igual disposição e vontade, ajuda a fundar a Associação de Imprensa Mato-Grossense.

De temperamento forte, sua pena era dura, o que lhe trouxe, muitas vezes, algumas perseguições políticas, que o levaram a ausentar-se do trabalho e do lar.

Este homem, de espírito forte, ativo, e acima de tudo, íntegro, nasceu em Santos (SP), em 1894. Era filho de Joaquim Soares. Chegou a Três Lagoas bem moço. Em 1916. Foi casado com Lídia Soares – sua companheira, musa, mulher e amiga.

Elmano foi poeta e, sobre este seu ofício, ninguém melhor do que outro poeta para dele falar – quando de sua morte, assim se expressou Rosário Congro:

“Elmano não deixou ouro nos bancos, mas pérolas, muitas pérolas que são os seus decassílabos. Rude e áspero na polêmica, ele também perlustrava o Parnaso, sabendo sentir as incomparáveis belezas da poesia. (...) Alheio a escolas ou correntes, não era simbolista à maneira do

bardo negro, nem parnasiano ou condoreiro, como Bilac ou Castro Alves, mas fundia os seus bonitos versos com bronze do seu sentimentalismo livre e esvoaçante”.

Seu último soneto foi o Escoteiro, totalmente improvisado. Surgiu quando de uma excursão do batalhão de escoteiros “2 de Julho”, ao córrego da Onça. Deixou quase uma centena de poemas e sonetos. Queria reuni-los e publicá-los com o nome de Cinzas. A vida, no entanto, não lhe permitiu a concretização desse sonho.

Elmano Soares faleceu a 4 de setembro de 1938, com quarenta e quatro anos. Moço. Com ele, encerra-se também um capítulo da história de Três Lagoas; isto graças à dinâmica que sempre deu à Gazeta do Comércio.

(ANTOLOGIA DIMENSIONAL
DE POETAS TRÊS-LAGOENSES)

Três Lagoas

Elmano Soares

Não eras nada... Simplesmente terra adusta...
Terra arenosa, improdutiva e má...
Tua vegetação, rala e vetusta
Nada produzia “fruto que Deus dá” ...

Mas chega um dia multidão robusta
E audaz, galgando o rio Paraná,
Atira-se ao trabalho... não se assusta...
E a estrada férrea logo após nos dá!

Desse primeiro germen de cidade
Vem o Progresso que, imperioso e forte,
Germina... cresce... em suma, tudo invade.

E cingindo-te a fronte de coroas,
Como princesa de altaneiro porte,
Ergueu-te um trono à beira das alagoas!

Rio Paraná

Elmano Soares

Como acurvado ancião já de cabelos brancos,
De aspeto taciturno e os olhos rasos de água,
Serpeias dia e noite, andas de frágua em frágua,
Aos grito de revolta arrebetando os flancos.

E no eco que se espalha empós pelos barrancos
Cristaliza-se a dor que dentro d'alma eu trago-a.
Pois nela se reflete o turbilhão de mágoa
Que me oprime e destrói, lentamente, aos arrancos,

Eu sou qual teu irmão, ó Paraná gigante,
Neste destino igual ao dum judeu errante
Passo os dias da vida angustiado o sentido

Em vão soluço e choro... Em vão exorto e clamo...
E também como tu em raivas me derramo
Na desesperação de eterno incompreendido.

Cachoeira

Elmano Soares

Vem o rio, coleante, sem barulho,
Atravessando morros e florestas,
Talvez inebriado pelas festas
Do alado bando em lírico debulho.

Mas chega à beira de alto pedregulho
E, vendo que ela tem bastante frestas,
Eriça a juba... afoita-se... e por estas
Joga-se embaixo com *impante* orgulho.

E, porque seja a queda muito forte,
Empós rebentam queixas de tal sorte
Que uma dor paira no ar, toda agoureira...

E os peixes, em cardume, à flor das águas,
Com sucessivos pulos sobre as fráguas,
Vão todos acudir à cachoeira!...

A árvore

Elmano Soares

Pujante e airosa, com robustos braços
Erguidos para o céu, por muitos anos
Viveste escarnecendo os minuanos
Indiferente aos frios e aos mormaços.

Tinhas um porte de rainha. Traços
De nato orgulho havia em teus arcanos...
E virgem do amargor dos desenganos
Todos prendias com fraternos laços.

Um dia o lenhador – homem violento,
A golpes de machado, num momento,
Deixou-te morta à beira do caminho.

E hoje, ao doce das tuas vestas tranças,
Já não florescem sonhos e esperanças,
Nem há festas de amor em cada ninho.

As estações

Elmano Soares

Primavera! Esperança que renova
Sonhos azuis em nosso coração:
Para o milagre de outra vida nova
Numa aleluia de fecundação.

Estio! Em toda a parte, até na cova,
Rebenta em flores maternal canção:
De cada ninho eleva-se uma trova
E cada lábio reza uma oração.

Outono! Pelo chão rola a folhagem...
As laranjeiras, pálidas, sem fruto,
Da nostalgia são a própria imagem.

Inverno! A chuva é fria... o vento é forte...
Por sobre a terra desolado, em luto,
Ruge famélico o jaguar da morte!

A enxada

Elmano Soares

Humilde e simples, corajosa e dura,
Vais cavando, cavando, prazenteira...
– Para a glória de cada sementeira.
– Para a glória de cada sepultura.

Nas mãos do lavrador, és a fartura...
Nas do coveiro, triste mensageira...
E ambos servindo, como companhia,
Dás-lhes felicidade a mais segura.

Cantando o teu poema de labor,
Num sacrossanto e divinal transporte,
Mostras à terra o mais ardente amor...

E a existência levando nessa lida
– Abrindo covas, tu nos dás a Morte.
– Rasgando sulcos, tu nos dás a Vida.

O garimpeiro

Elmano Soares

Revolvendo o moncão e a grupiara,
Metido n'água pelo dia inteiro
Vive constante o bom do garimpeiro
Entregue à sua lida rude e amarga.

Lava todo o cascalho que juntara
Peneirando a bateia mui ligeiro.
E quando por ventura, alvissareira,
Encontra a gema preciosa e rara,

Um sorriso feliz como uma aurora
Lhe assoma aos lábios, de onde sai um canto
Que a brisa leva pelo espaço afora.

E a cada estrofe tão amena, brilha
A mesma sedução e o mesmo encanto
Que encerra o diamante... oh, maravilha!

O carteiro

Elmano Soares

Diariamente (chuva ou sobre o vento,
Haja calor ou frio, pouco importa)
A mala carregando, ele suporta
Horas seguidas sempre em movimento.

Pára de quando em vez, por um momento,
Depois que a rua, lado a lado corta:
– Carteiro! brada após bater na porta,
E logo alguém acode ao chamamento.

Então com displicência entrega a carta
À mão que se lhe estende a palpitar...
E outra do maço incontinenti aparta.

Vai nessa ingente lida renovando
Aleluias de amor em muito lar.
Sonhos felizes noutros sepultando!

O escoteiro

Elmano Soares

Sob este céu azul que faz orgulho
De todo cidadão brasileiro
O nome de “2 de Julho”
Fulge como farol, alvissareiro.

É que imitando o prazeroso arrulho
Das avezinhas pelo dia inteiro
Tem ele um batalhão “que é do barulho”
Mas enaltece a Pátria: – o escoteiro.

E vendo-o agora que neste recanto
Embevecido a olhar a Natureza
O verde esmeraldino do seu manto,

Nele adivinho, vigoroso e puro,
Aquele que há de encher-nos de beleza
E de ventura os dias do Futuro.

Crença íntima

Elmano Soares

Jovem, tive no peito um campanário
Onde sonoro um sino – o coração
Chamava sem cessar – não tinha horário
Os crentes – os meus sonhos – à oração.

Havia nele um belo lampadário
Aceso pelo Amor com devoção...

E o meu doce ideal era o vigário
Desse bendito templo de Ilusão.

Hoje que os anos pesam-me nos ombros,
Já mortas as saudades do passado,
Tenho meu peito reduzido a escombros...

E envolto no silêncio mais profundo,
Vivo contente do meu triste fado,
Sinto-me o homem mais feliz do mundo.

Espiritualidade

Elmano Soares

Nascido na opulência, grande e forte
Desde o berço... orgulhoso a mais não ser.
Homem! Não te deslumbres! Que o poder
Impele sempre para errado norte...

A vida assim será até a morte
Uma perene fonte de prazer:
Mas, pelo teu não irônico viver
Modesto, nem invejo a tua sorte.

Tu morrerás... Eu morrerei!... Inermes
Nossos corpos serão pastos de vermes,
Nossa matéria podridão e pus...

Voltaremos aos mundos invisíveis:
– Tu, condenado às trevas mais horríveis!
– Eu, mergulhado em turbilhões de luz!

Nota. Estes sonetos foram recolhidos por Flora
E. Thomé e constam em sua obra ANTOLOGIA DI-
MENSIONAL DE POETAS TRÊS-LAGOENSES.

A saga do Sete Orelhas

Rui Garcia Dias

Este trabalho é uma síntese de tudo o que ouvi e li a respeito da saga que dura mais de duzentos anos e que se manteve acesa na região do Bolsão de Mato Grosso uno e que sempre despertou curiosidades, inclusive do saudoso jornalista David Nasser, que chegou a publicar substancial reportagem a respeito na Revista O CRUZEIRO, que circulou até meados do século passado.

Os fatos ocorreram na época da Inconfidência Mineira que monopolizou as atenções das metrópoles do eixo Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, ficando o interior das províncias quase à própria sorte, quanto a questões de segurança. Tudo se fazia por estradas abertas a lombo de burro e casco de boi. A escassez de recursos obrigava as pessoas a se organizarem para a obtenção dos proveitos possíveis de indivíduos, grupos familiares locais e de grupos regionais. Era o “salve-se quem puder”, gerando costumes e conceitos numa escala que atendessem aos interesses predominantes.

Nesse clima de carência total é que se desenrolaram os fatos que não podem ser interpretados sem a consideração de fatores que se não explicam pelo menos poderiam justificar a postura dos personagens envolvidos. Somente eles teriam condições de responder a qualquer indagação de ordem ética a respeito do ocorrido.

I – As origens

Januário Sete Orelhas, nascido Januário Garcia Leal, era filho de Pedro Garcia Leal e Josefa Cordeiro Borba; ele oriundo da ilha de São Miguel, do arquipélago dos Açores-Portugal, e ela natural de Cotia, SP – tiveram nove filhos.

No final dos anos 1700 os Garcia Leal viviam na fazenda Campo Formoso no Sul de Minas Gerais que fazia divisa com a propriedade rural pertencente à família Silva. Entre eles havia há muito tempo uma demanda judicial por causa de divisas. A ação demarcatória foi julgada favoravelmente aos Garcia Leal.

II – O começo de tudo

Os irmãos Januário e João foram então colocar a cerca no lugar determinado pela Justiça e ali estando chegaram a cavalo os irmãos Silva que em altos brados impediram o prosseguimento do serviço, dizendo que não iriam obedecer à ordem judicial.

Januário, considerando a inferioridade numérica, sete contra dois, aconselhou o irmão João a pararem com o trabalho para recomeçá-lo no dia seguinte, cedo, e se retiraram. No dia seguinte, bem cedo, Januário e João estavam de novo no local refazendo a cerca. A certa altura Januário deixou o irmão trabalhando sozinho e foi campear um gado nas imediações do potreiro.

Quando voltou ao local, ali não encontrou mais o irmão, mas apenas as ferramentas e o cavalo amarrado por perto. Havia chovido na véspera e Januário pôde perceber os rastros de vários cavalos, indo em direção à sede da fazenda dos Silva. Seguiu a batida e cerca de uma hora depois assistiu à tragédia que mudaria sua vida. Protegido pelo mato espesso viu quando os sete irmãos Silva terminavam de amarrar João a uma árvore. Em seguida um deles, fazendo uso de uma faca cravou-a no tórax de João, atingindo-lhe o coração.

Não terminaram aí, porém. Um dos algozes retirou o couro da cabeça da vítima, levando o escalpo para o interior de um alforje afixado na garupa do seu cavalo. Dando-se por satisfeitos, retiraram-se a galope.

Januário, sentindo-se seguro, aproximou-se do irmão morto e contemplou demoradamente a cena dolorosa, ocasião em que prometeu a si mesmo que iria à forra. Não teria outra missão na vida senão dar o troco aos facínoras.

III – Francisco e Paulino

Os irmãos Silva estavam agora preocupados em fugir da região, prevendo providências da autoridade ou da família do morto. Resolveram no entanto dar uma festa para distrair o povo e aproveitar a oportunidade para a fuga. Januário soube do plano e planejou a primeira ação.

Antes avisara sua mulher Mariana que iria viajar. Caso não voltasse no prazo de três anos ela deveria vender a fazenda e acertar com os cre-

dores, inclusive um cunhado a quem devia cem mil réis. Montou em sua mula pinhão e foi para a festa dos Silva, permanecendo a uma distância segura para não ser visto, protegido pela escuridão. Descobriu que os cavalos dos irmãos Silva já estavam preparados para a fuga, amarrados perto de uma estrada boiadeira. Januário escolheu cuidadosamente a tocaia e ali permaneceu à espera do bando.

Tarde da noite, sob efeito de bebidas, os Silva resolveram montar e desaparecer. Estavam no trilheiro caminhando despreocupadamente sem saber que o inimigo os espreitava, esperando o momento certo, coração acelerado. Januário sacou seu punhal de cerca de 40 cm de lâmina, conhecido como língua-de-bandeira (o tamanduá) e aproximou-se silenciosamente do último da fila. Cravou-lhe o punhal com tanta perícia que ainda deu tempo de pegar o penúltimo na ponta de sua arma. Com os gritos deste os demais correram para as próprias montarias e fugiram.

Vendo-se só e seguro, Januário puxou da faca e cortou a orelha de uma e depois a da outra vítima, colocando-as num bernal que trazia a tiracolo. Mais tarde as salgaria para evitar que apodrecessem.

No dia seguinte, pessoas do lugar sepultaram os dois corpos. Nas respectivas cruzeiras estavam os nomes de Francisco e Paulino Silva.

IV – Festa de casamento

Montado em sua mula roxa de nome Caravana, Januário passou a vagar pelas estradas e fazendas da região, procurando notícias dos Silva que faltavam. Na parte posterior da cintura, preso a um cinturão estava o punhal em cujo manejo ele era perito. Volta e meia vinha à sua mente a lembrança daquele quadro tétrico. O irmão escalpado e morto, amarrado à árvore e as moscas varejeiras procurando botar larvas na ferida exposta. Um fino veio de sangue escorria pelo chão em direção ao pequeno rego d'água que passava próximo da árvore.

Januário era sisudo, falava pouco e ouvia pacientemente. Estando numa venda de beira de estrada ficou sabendo que uma quadrilha andava intranqüilizando os pacatos moradores da região com todo tipo de abusos, já tendo até matado uns fiscais do governo de Minas Gerais no arraial de São José da Barra.

Nos garimpos da região Januário certificou-se de onde estava o chefe dos facínoras e saiu ao seu encontro montado sempre em sua mula roxa marchadeira e resistente. Essa procura foi demorada. Num garimpo de diamantes soube de uma festa de casamento de duas filhas do proprietário com dois homens vindos da região do sul de Minas. Aquilo parecia sugestivo. Perambulando incógnito descobriu tudo: os dois homens eram irmãos e faziam parte do bando dos Silva.

Ficou sabendo ainda que após a cerimônia os recém-casados iriam morar em duas casas de madeira roliça ali perto, cujas coberturas e paredes eram feitas de folha de buriti, travadas com taquaras, uma casa ao lado da outra. Ao anoitecer Januário fez duas entradas à beira-chão nas paredes de buriti e ficou de tocaia. Até aqui não havia sido reconhecido por ninguém porque já estava de barbas compridas e ainda usava um chapéu de couro cuja aba lhe cobria a testa e os olhos.

V – Rancho de buriti

O povo continuava distraído com a festa e agora participava animado do baile de costume. Januário a pequena distância a tudo observava protegido pelo escuro. Uma luz de lampião denunciou a vinda de alguém em direção à casa. Era ele, o Silva recém-casado que entrou pela porta da frente; deixou o lampião no chão de tal forma que a sombra do homem se projetava sobre o local onde entraria o predador. Januário rastejou até a vítima e de pé à frente dela socou-lhe o punhal no peito, até o cabo, sem tempo para o grito por socorro.

Voltou rápido e entrou na casa ao lado onde a outra vítima já se preparava para voltar à festa, mas não deu tempo. Januário cresceu de repente ao seu encontro e com aquele olhar gateado, severo e frio, apunhalou-a de pronto. Terminada a tarefa tirou a orelha do morto, juntou-a à que tirara pouco antes, já no bernal. Mais tarde as salgaria e reuniria no colar de tento de lonca que havia confeccionado especialmente.

O pessoal do lugar, ao descobrir o estrago, interrompeu a festa e tratou de sepultar os dois cadáveres. Nas cruces escreveram-se os nomes de Antônio Silva e Joaquim Silva.

Januário montou na mula roxa e saiu sem destino certo.

VI – No pouso de boiadeiro

Saiu pois o Januário do Triângulo Mineiro e viajou para os lados da serra da Canastra no local onde a estrada boiadeira, beiradeando o São Francisco vinha dos Sertões de Goiás. Pelo poeirão que avistou ao longe percebeu que uma boiada grande vinha sendo conduzida. Esporeou sua mula Caravana e adiantou o passo para chegar primeiro ao ponto do pouso da boiada. Muitos peões tocavam o gado.

Januário arrumou um couro de boi e foi deitar-se a uns dois metros do fogo feito no chão para aquecer o ambiente. Fazia frio e com o pelego e a capa acomodou-se o melhor que pôde. A peonada chegou cansada, mas alegre e fazendo alguma algazarra inocente, espécie de confraternização. Um dos peões pegou um tição e o levou próximo ao rosto para acender o cigarro de palha.

Ao clarear o rosto, viu Januário a feição conhecida de mais um dos Silva. Apalpou seu punhal e ficou aguardando a hora certa do ataque sutil. Perto da meia-noite os peões todos ressonavam em sono profundo. Januário aproximou-se sorratamente da vítima que dormia de costas, camisa aberta no peito, local em que entrou o punhal. A vítima nem estrebuchou. Tirou-lhe uma orelha e jogou-a no bornal. Limpou o punhal na cobertura do morto e se retirou silenciosamente para onde estava a Caravana. Montou e saiu devagar. Bem longe dali salgou a orelha e a prendeu no colar onde ainda faltavam duas.

VII – O ermitão

Por volta de 1803 Januário estava na região de Vila Rica, perto do garimpo do Tijuco, quando passou por ali uma multidão que ia ao encontro de um ermitão que estava fazendo milagres na região. Januário entrou na romaria. Ao final do dia fez-se uma enorme fila para a entrevista com o curandeiro milagroso.

Curioso, Januário Garcia Leal entrou na fila. A alguns passos do homem santo seu coração disparou ao conhecer mais um dos Silva que buscava. O curandeiro também reconheceu Januário, mas disfarçou, interrompendo o atendimento do dia. Compensado na sua longa procura, só restava agora esperar a hora do bote.

Recolheu-se à única hospedaria do lugar para comer e dormir. O curandeiro era dono da hospedaria e chamando seu capanga arquitetou um plano para matar Januário.

Ocupou um quarto ao lado do do forasteiro. Tarde da noite aproximou-se do quarto de Januário; viu-o deitado com a cabeça coberta e ressonando fundo. Aproximou-se já de punhal na mão. Mas Januário havia escutado os cochichos do curandeiro com o capanga, já providenciando o sumiço do seu cadáver. No momento certo Januário levantou-se rápido e cravou seu punhal no peito do homem. Cortou-lhe a orelha e a colocou no bernal. Saiu devagar, montou na mula roxa que estava adrede preparada nas imediações e tomou rumo ignorado.

Quando o capanga veio para dar sumiço ao corpo do forasteiro nem percebeu, no escuro, que carregava o corpo do patrão. Só mais adiante percebeu a troca. Quando os romeiros entraram em alvoroço Januário já estava longe, montado na mula Caravana, dobrando espigões, cumprindo sua missão. Na sepultura do ermitão havia uma cruz com o nome de Luiz Silva.

VIII – O raizeiro

Agora, caminhando na região das cabeceiras do Jequitinhonha cansado e com fome, já terminando o dia, Januário chegou a uma choupana miserável de beira de estrada. Um cachorro magro e sarnento alertou o proprietário da chegada do forasteiro.

Pouco depois apareceu um velho, maltrapilho, barbudo, muito extrovertido que de bom grado ajudou o viajante a desarrear a mula, mostrando-lhe onde se acomodar para dormir porque o jantar seria uma tapeação qualquer que de comer não tinha quase nada.

O velho raizeiro gostava de uma conversa fiada e havia tempo que não tinha com quem bater um papo gostoso. Ofereceu um gole de pinga, da escondida, ao forasteiro e, conquistado pelo novo amigo, ainda apareceu com um pedaço de toucinho. Januário engoliu aquilo, encerrou quando pôde aquela conversa e depois estendeu o pelego e a capa e se ajeitou num canto, perto da tralha de arreio. Viajeiro acostumado ao desconforto e moído de cansaço dormiu logo.

Raiando o dia Januário levantou-se e começou os preparativos para seguir viagem. O velho insistiu para que ficasse mais, em vão porém. Ainda ajudou o forasteiro a arrear a mula.

Por fim os dois se sentaram num banco debaixo de uma sombra e o velho começou a contar sua história. O forasteiro só ouvia ora meneando a cabeça, como se concordasse com a narrativa.

O velho desabafou fundo e sentindo-se aliviado terminou a conversa dizendo: Pois é, meu amigo, essa é a história da vida de Bento Silva que vai terminar aqui neste mundão sem porteiras, castigado por Deus.

Nesta altura Januário também se identificou e puxando sua arma de fogo, disse ao velho: eu vou contar até 50; daí em diante você se vire.

O velho implorou clemência que não queria morrer daquele jeito. Januário, olhos firmes, limitou-se a advertir: Andando! Quando a contagem chegou a três, Januário descarregou a arma nas costas do raizeiro, que caiu de bruços. Retirou-lhe a orelha e completou seu colar macabro. Ali mesmo a salgou, aproveitando o sal da despensa da própria vítima.

Montou na mula e manejou as rédeas de volta até onde seu irmão João fora covardemente sacrificado.

Ali chegando, depois de muitos dias de viagem, pendurou o colar num galho da mesma árvore, holocausto sangrento.

Na sepultura do velho ele mesmo fincara uma cruz com o nome: Bento Silva.

* * *

Januário fora informado de que havia ordem da Corte para que o prendessem. Fez circular a notícia de que havia morrido assassinado e refugiou-se na casa de seu irmão José, já nas proximidades de Uberaba e dali se mudou com a família para Mato Grosso, estendendo sua prole de Paranaíba até Cuiabá.

Conta-se que um dia Januário estava trabalhando no curral e uma vaca parida de novo muito braba o prensou na porteira, quebrando-lhe costelas e causando outros estragos internos.

Acabou morrendo rodeado dos familiares.

No tiro ou na faca?

(conto sem verbo)

Rui Garcia Dias

Jacó Pedaco, hominho renitente, igual garnizé riliento.

Pequeninho, porém, brabo debaixo dum quieto. Pau pra toda obra: uma hora tratorista, de repente vaqueiro; tão bom na ferramenta como no lombo do macho redomão. Entretanto, sua serventia maior: homem de confiança, cão de raça na batida. Corajoso e discreto.

Em posição de sentido, no balanço entre um pé e outro, cara séria, atento às ordens: – Mané Píancó, homem sem respeito, vivente sem merecimento.

Remédio: a morte. Desaforo nunca!

– Pra quando?

– Sábado, no mutirão da Taboca.

– No tiro ou na faca?

– Na faca, por causa do silêncio. Cuidado. Ninguém por perto.

– Sábado, então.

Noite de luto completo. No empalizado só sanfona e violão. Assim de gente. Quatro lamparinas uma em cada canto. Lá fora, mais distante uns dez metros, escuridão total a favor de Jacó Pedaco.

Mané Píancó, indiferente, na crista das rodas. O desaforo em pessoa, ultimamente, por causa da pinga. Uma pena. Medo de homem? Nunca. Jacó Pedaco? Han, pedaço de homem, metade de Mané. Desnecessário o medo de jaguncinho severgonho.

Uma da madrugada, hora da micção. A moita de mamona, assim longinho, lugar convidativo e discreto, ninguém por perto. Ainda de instrumento na mão, quando o frio da facada. De trás para frente. Friage na carne; sangue quente pela boca de Mané Píancó, no ato.

Silêncio total, menos no empalizado, com o xote choroso, ao som de sanfona e violão.

Jacó Pedaco, homem inteiro e não pedaço de homem. Um macho valente, sim senhor.

(TOQUE DE REUNIR)

Três Lagoas

Júlio Mancini

Três Lagoas! És como a virgem pura!
De primores doou-te a natureza:
Na graça de teu porte – a Formosura,
No porte de tua graça – a Singeleza!

Teu crescer cada vez mais te assegura
Um futuro esplendente de grandeza;
No retoque final, deu-te a natura
Os adornos gentis da Realeza!

Circundam-te campinas verdejantes
Como a cingir-te de subtis coroas
Em matizes diversos, deslumbrantes!

Cantando-te os poetas tecem loas;
Ciosa dos teus dons, como os amantes,
– Tu que miras no espelho das lagoas!

Buriti Perdido

Júlio Mancini

Velha palmeira solitária e triste!
Erguendo-te altaneira, és o atalaia
No meio da campina! Descobriste
Ao caminhante, a cobiçada raia!

Quantas vezes, com tuas palmas, supriste
De sombra, a repousar, à bel jandaia!
Tu, que a mil sofrimentos resististe,
Desde o nascer da aurora, ao sol que esmaia!

Ergues-te – espia a sentinela – altiva
E ousada! Junto a ti, rápida, inquieta
E aflita, passa a corça fugitiva!

Cantor da natureza! Plectro erguido
No ermo! Do deserto és o poeta,
Ó venerável Buriti Perdido!

Na roça

Júlio Mancini

Ei... do carreiro o grito forte ecoa:
Pela amplidão escura da queimada;
Apenas fulge a aurora e já reboa
O baque do machado na roçada...

Ao movimento uníssono entoa,
O canto de louvor da passarada.
Além da serrania, o sol coroa
Em tintas de carmim a madrugada.

Bate o monjolo compassadamente,
mugem as vacas como num lamento,
No galho a rola geme um ai plangente!

As flores curvam-se ao passar do vento,
O orvalho brilha no prado virente,
Nuvens de pombas sob o firmamento...!

As avoantes

Júlio Mancini

Lá vêm elas, em loucas revoadas,
Aos milhares, em nuvens sussurrantes;
Toldando os céus em doidas arribadas,
As zíngaras de penas, inconstantes...

Vorazes, rumorosas, agitadas,
Descem, ceifam e partem, incessantes,
Em meneios gentis de namorados,
Em derreios lascivos de bacantes!

Quando fartas, saciadas se levantam
Nada deixam, no chão, todo escarvado
Por seus bicos famintos que devastam!

Ó Natureza, que nos mata e afaga:
– O branco pombo por Noé mandado,
Manda-nos tu, como flagelo e praga!...

Ruínas

Júlio Mancini

Ó silenciosas ruínas que me encantam,
Vítimas do abandono, da impiedade!
Embora mudos, teus escombros falam,
– Na misteriosa voz da soledade!

Ó silenciosas ruínas que me clamam,
Teus restos de opulência, de vaidade!
Embora mudos, teus escombros mostram,
– O orgulho rente ao pó da realidade!

Quedo-me reverente ao teu passado,
Pesa-me contemplar tua orfandade,
– A mudez triste do desamparado!

Ao teu país sereno me transportas,
Cingindo-me ao fascínio, à majestade,
– Da misteriosa voz das coisas mortas!....

Como era lindo o meu sertão!

Sá Carvalho

Data do ano de 1829 a entrada dos Garcias, dos Barbosas e dos Lopes em Mato Grosso, pela rota do Paranaíba. O sertanista Joaquim Francisco Lopes deixou manuscritos dessa memorável entrada, existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Os primeiros Garcias que se afazendaram em Mato Grosso foram o cap. José Garcia Leal, Januário Garcia Leal e José Pedro Garcia Leal.

Em 1929 tive oportunidade de escrever um resumo comemorativo do primeiro centenário dessa entrada colonizadora dos mineiros no Sul de Mato Grosso. Em meados do ano passado tive o ensejo agradável de colher apontamentos interessantes em Três Lagoas, com o coronel Protásio Garcia Leal, neto do primitivo Januário Garcia Leal.

Nascido a 18 de abril de 1858, conta hoje com oitenta e quatro anos de idade; com excelente aparência de saúde, memória e energia. Seus pais foram: Francisco Garcia Leal e Laudelina de Almeida. Seus avós paternos: Januário Garcia Leal e Ludovina Alves de Jesus. Seus avós maternos eram da família Freitas, de Minas, cujos nomes não recorda.

O seu nascimento teve lugar na fazenda Barreiro, de seu avô Januário, sita no ribeirão desse nome, afluente do rio Paranaíba e distante de Santana do Paranaíba cerca de cinco léguas. Foi batizado em Santana, pelo vigário Francisco de Sales Fleury.

Foram seus tios paternos: Joaquim Garcia Leal, casado com Maria Angélica Ferreira, afazendados no ribeirão Ariranha; Manuel Garcia Leal, casado com Camila Garcia Tosta, afazendados no córrego Sapato, águas do ribeirão Barreiro; Maria Garcia Leal, casada com seu primo Sabino Garcia Leal, moradores na fazenda do capitão José Garcia Leal; Lucinda Garcia Leal, casada com Jerônimo Indalécio; Laura Garcia Leal, casada com Necésio Ferreira de Melo, moradores no ribeirão Ariranha; Delfina Garcia Leal, casada com Francisco Ferreira de Melo, também moradores no Ariranha; Claudino Garcia Leal, casada com Bernardo Correia de Melo.

Foram seus tios maternos: Honório de Almeida Freitas, casado com Maria Garcia; Rosenda de Freitas, casada com Joaquim Alves, todos moradores agregados de seus avós paternos.

Seu avô Januário Garcia Leal possuía, além da fazenda Barreiro, mais as fazendas Galheiro, no rio do Peixe, hoje Aporé; Lebre, Caiapó e Correntes, nas divisas com o Estado de Goiás. Seu tio avô, capitão José Garcia Leal, era o principal homem do sertão e possuía as fazendas Barra, próxima de Santana; Córrego Fundo, Bonito e inúmeras posses nos rios Sucuriú e Verde.

Protásio teve os seguintes irmãos: Antônia, casada com João Bernardo Correia, fazendeiros no ribeirão Cachoeira, afluente do rio Aporé; Manuel, casado com Maria Correia; Rita, casada com Marcolino Marques Pereira, fazendeiros no rio Quitéria, afluente do rio Paraná.

No seu tempo de rapaz, Protásio recorda-se dos seguintes fazendeiros nos sertões: Silvério Garcia Tosta e seus filhos, afazendados no alto Sucuriú, no Bananal da Boa Vista; Misael Garcia Tosta, no ribeirão Morro Vermelho, afluente do rio Paraná; Januário José de Sousa e seus filhos, afazendados no ribeirão São Pedro, afluente do rio Sucuriú; Manuel Garcia Tosta, no ribeirão Indaiá Grande, afluente do Sucuriú; Carlos de Castro, na fazenda Coqueiro; Miguel Pantano, Marcolino Marques e Isaías Borges, em águas do rio Correntes; os irmãos Joaquim e José Machado, os irmãos Jerônimo e Isaías Coimbra, Jerônimo Rosa, os irmãos Albino, Ângelo, José e Vitória Lata, Antônio dos Santos, os irmãos Manuel e Francisco Fabiano, Silvério Garcia Tosta e seus filhos, todos afazendados em águas vertentes da serra da Moranga; Bernardo Barbosa Sandoval e seus filhos, em águas do rio do Peixe; os irmãos José, Urias, Francisco e Antônio Queirós, em águas do rio Quitéria; os Pereiras, afazendados nos rios Sucuriú e Verde; os Camargos e os Otonis, no alto Sucuriú; os Damascenos e os Oliveiras, no médio rio Pardo; os Barbosas, os Lopes, os Rosas, os Marianos, na Vacaria.

O vigário de Santana, padre Francisco de Sales Fleury, possuía também uma fazenda na vila, onde tinha uma caseira, Joaquina de tal, e com ela teve os seguintes filhos: Marcelo, Justiniano, Augusto, Maria, Teotônio e Vicência.

O escrivão de Santana era Joaquim Ramos Cuiabano. Os principais negociantes da vila foram: João Batista Coimbra, Isaías Guimarães, José Maria Barbosa, Antônio Branco, Felisbina Garcia Leal, Macário dos Santos, Antônio Jesuíno Guimarães e João Garcia. O comércio de Santana se fazia por terra com Uberaba e por via fluvial com Piracicaba.

O coronel Protásio Garcia, depois da explanação geral do seu tempo de moço, passou à sua curiosa e heróica história pessoal.

No ano de 1884, vivia ele, com sua mulher Ana Silveira Ferreira, filha de Francisco Ferreira de Melo, na fazenda Barreiro, de seus pais.

Nesse ano, resolveu incorporar-se numa expedição que iria explorar os sertões da margem direita do rio Sucuriú. Foram componentes dela: seu tio Manuel Garcia Leal, José Pinheiro, Luís Cuiabano, Francisco José Nogueira, João Brasileiro e ele. Levaram comitiva para uma viagem demorada, num sertão despovoado e sem recursos.

Na trajetória até o rio Sucuriú, encontravam-se afazendados: Gabriel Ferreira de Melo, no Bonito, águas do rio Santana; João e Justino Mariano, no rio das Pedras; João da Cruz, no ribeirão Santa Rosa; Francisco Queirós, no ribeirão Santo Antônio; Domingos Inácio, no ribeirão Mateus.

Existia, no médio Sucuriú, um batelão, mais ou menos no local do atual porto do Galeano, onde os sertanejos atravessavam para a Vacalha, onde também fizeram sua travessia. Desse ponto, procuram explorar no rumo de leste, para conhecerem as partes mais próximas do rio Paraná.

Atravessaram de pelota os ribeirões Prata, Pratinha e Brioso, afluentes do rio Sucuriú. A varação dos campos de macegão antigo, de capim-flecha foi muito trabalhosa porque os animais tiveram as pernas feridas pelos cortes do dito capim. Tiveram que calçar todos os animais com talas de couro cru engraxadas.

Não havia em absoluto estradas ou caminhos. De exploração em exploração, atingiram uma zona de capim-mimoso, já em águas do rio Verde, onde denominaram Piaba, da encosta de uma serra, no divisor de águas dos rios Sucuriú e Verde. Na vertente do Sucuriú, encontra-se uma posse antiga denominada Campo Triste, feita há muitos anos pelo avô de Protásio, o primitivo Januário Garcia Leal. Essa posse fora permutada com Manuel Messias por outra, denominada Moeda, na margem do rio Paraná. Esse Manuel Messias vendera há pouco essa posse Campo Triste ao sogro de Protásio, João Ferreira de Melo, a troco de uma escrava.

Protásio preferiu, porém, fazer posse sua, nos campos de mimoso da Piaba, porque os terrenos eram bem melhores e promissores.

Desses companheiros de exploração, somente mais um resolveu escolher posse. Foi ele o mineiro do Araxá, Francisco José Nogueira, fazendo sua escolha das terras de campos e matas do ribeirão Brioso, afluente do rio Sucuriú.

Protásio e ele seriam os pioneiros do povoamento daquele sertão bravo. Regressaram para Santana do Paranaíba.

Em meados desse mesmo ano, Protásio veio fundar a sua fazenda da Piaba, o mesmo fazendo Junqueira, no seu Brioso. Auxiliado por Vicente Lata e o camarada Deoclesiano, trouxe o seu primeiro gado, composto de doze vacas mansas e dois touros seus e mais cinqüenta vacas arrendadas de seus sobrinhos Bibiano e Francisco.

Ia ser este o seu plantel da fortuna. Trouxe dessa vez também algum sal e poucas ferramentas, para o início do arranchamento. Auxiliado pelos companheiros, fez um curral e um coxo, para salinar o gado. Depois de curar o seu pequeno rebanho, regressou com os companheiros para Santana; deixando já escolhido o lugar de sua morada e construídos o açude e o tradicional rego de água.

Ao regressar ao Barreiro, era intenção de Protásio cogitar de sua mudança imediata com a família; mas ali foi encontrar sua sogra Delfina muito doente; doença que, afinal, veio retardar sua mudança para o sertão, cerca de dois anos. Teve que vir sozinho, cada dois meses, para levar sal e costear o seu gadinho.

Na margem direita do rio Verde, demoravam nesse tempo os terríveis índios chavantes; nenhum dano, porém, causaram ao gado de Protásio.

Em 1887, numa das suas viagens à Piaba, Protásio trouxe um camarada, para auxiliar na derrubada de mato e plantio de sua primeira roça de mantimentos, para prevenir sua subsistência na mudança definitiva com a família.

Em janeiro de 1888, ajustou dois carros-de-bois, com Vicente Lata e João Machado, para sua mudança completa. Carregou-os com seus móveis rústicos, fiandeira, tear de tecer, ferramentas usuais, mantimentos, sementes, mudas de árvores frutíferas, etc. Completou o carregamento, aplicando apensos aos carros, jacás de galinhas, engradados de leitões e de gatos.

Com sua mulher, seus enteados e seus filhos, a cavalo, engarupados alguns deles, e mais um camarada, Manuel Pinto, com sua mulher e dois filhos, seguiram a marcha dos carros. Seus enteados eram: Nasário, com

seis anos, Carolina, com cinco, e Mulata, com quatro anos. Seus filhos eram: Protazinho, Lavínia e Maria, todos menores.

Foi muito difícil e penosa a viagem, com o muito sol e a muita chuva que se intercalavam. A travessia dos carros no porto do rio Sucuriú exigiu o transbordo total de toda a carga e a passagem trabalhosa do carro no batelão e dos bois a nado, o mesmo acontecendo nos ribeirões maiores, nos quais se tornou também necessário cavar barrancos em ambas as margens. Tiveram em outros lugares que abrir picadas no cerrado e na mata, para a passagem desses primeiros carros naquele sertão.

Chegaram finalmente sãos e salvos à Piaba, a sua já querida posse no sertão do rio Verde. Os carreiros, antes de regressar, auxiliaram na derrubada e transporte da madeira e capim necessário ao rancho de Protásio.

Quando se aprestavam estes para o regresso, o camarada Manuel Pinto acovardou-se e não quis ficar, regressando também com sua mulher e seus filhos. Protásio e sua mulher ficavam, assim, sós com sua criancada, em pleno sertão, cheios, porém, de fé e coragem. Haviam feito um voto de fé à Senhora Santana, para preservá-los de ataques dos índios.

Nos primeiros dias foi uma azáfama e uma canseira. Trabalho pesado de sol a sol, para conseguir com amor a sua casa e para fazer a sua arrumação. Terminada a casa, lavrou ele o madeiro necessário e ergueu em frente de seu terreiro o cruzeiro sagrado de sua crença; e, aos pés deste, rezaram as suas orações, pela felicidade da sua fundação.

Entremearam-se os cuidados de trato da roça e do gado. Cuidou do complemento da morada, fazendo ele mesmo o monjolo, necessário para o benefício do arroz e do milho. No primeiro rodeio, conseguiu fechar no curral já oitenta e duas reses, ou seja, vinte de rendimento. Fez a colheita da roça e o seu transporte penoso em lombo de animal. Faltava ainda um carro-de-bois.

Passados seis meses, ali chegou pela primeira vez seu sogro, já encontrando Piaba uma fazendinha pitoresca e feliz. Passados mais dois meses, ali apareceu de surpresa um velho inimigo de Protásio, Domingos Inácio Ferreira, para apaziguar-se e oferecer-lhe em parceria para criar

trezentas vacas. Era uma intervenção protetora de Manuel Garcia Leal, tio de Protásio. Depois de relutar, Protásio aceitou o negócio, sob condição de fornecer Domingos Inácio também os touros e o sal periódico necessário.

Passados trinta dias, recebia a Piaba, nos seus campos de mimoso, mais trezentas vacas e vinte touros de Domingos Inácio. Dobrava o trabalho para Protásio e sua heróica companheira, mas compensava em tudo o bem-estar da prosperidade. Veio a colheita do algodão e a conseqüente luta do cardar, fiar e tecer. A luta diurna seguia a noturna, na qual Protásio auxiliava sua mulher. Já vestiam roupas tecidas em casa.

Passado um ano dessa nova era, morreu na Vacaria Domingos Inácio Ferreira. Os herdeiros concordaram em conservar o gado arrendado mais seis meses, findos os quais houve a entrega do principal e lucros. Coube a Protásio na parceria cento e cinqüenta e sete cabeças de gado. Foi quando pôde dar um balanço geral na sua vida. Com esse lucro tido de parceria com Domingos Inácio, possuía ele então de seu já duzentos e cinqüenta reses; tendo vendido os machos, para saldar 800\$000 de dívidas que deixara em Santana do Paranaíba.

Nesse tempo, também prosperava bastante seu mais próximo vizinho, Francisco José Nogueira, no Brioso, distante nove léguas. Este já conseguira ter carro-de-bois; e era então que obtinham ambos, à meia, o sal necessário para costeio do gado, adquirindo-o em Santana.

Protásio já se tornara conhecedor de grande porção dos mananciais e campos vizinhos. Restava-lhe uma curiosidade e uma missão a cumprir: abrir um caminho da Piaba para a barra do rio Sucuriú, no rio Paraná, e daí conseguir comércio com a Colônia Militar do Itapura, no rio Tietê.

Sempre ouvira falar de seus parentes do comércio que faziam com Itapura e com Piracicaba. Tomou sua resolução. Com sua companheira, aprontou cem queijos feitos com coágulo de capivaras, carneou e xarqueou duas vacas gordas, matou e salgou um porco bem gordo. Havia comprado um carro velho do Nogueira e amansado oito boiecos. Carregou-o com essa carga e mais a matula para a tentativa de atingir a barra do rio Sucuriú. Partiu levando apenas o seu enteado Nasário, então contando já nove anos de idade.

Atingiu as cabeceiras do ribeirão Campo Triste e, contornando seus imensos varjões, foi ter até próximo de sua foz no Sucuriú, onde existe uma cachoeira; pendeu para a direita e foi ter a um pequeno córrego, hoje denominado Pinto, onde abriu a enxada uma passagem para o carro; prosseguiu assim Sucuriú abaixo, contornando um grande varjão, até encontrar uma mata, cerca de uma légua distante do rio Paraná. Estacionou aí para explorar a zona, no que descobriu uns campos limpos e neles três lagos grandes, que desaguavam diretamente para o Paraná, onde hoje se localiza a cidade de Três Lagoas.

Seu enteado Nasário descobriu rastos de porcos domésticos na borda da mata; e seguindo-os, foram ter a um rancho dos irmãos João e Joaquim Elias, moradores do lado de São Paulo, mas que ali faziam roças todos os anos e engordavam porcos para suprimento da colônia de Itapura. Acolheram com estima o audacioso Protásio e prontificaram-se em levá-lo com sua mercadoria até a Colônia Militar. Num batelão dos Elias, foram ter, em dia e meio, ao destino sonhado.

Comandava a Colônia o cap. m. Joaquim Ribeiro da Silva Peixoto, o qual tinha em sua companhia apenas uma filha. A guarnição era de cinqüenta homens, composta toda de gente boa.

Compunha-se de uma rua calçada, cinco casas, um quartel de sobrado e uma igreja. Era ali a guarda avançada da nação, na velha rota das monções de Cuiabá.

Existiam dois velhos negociantes: João Paes e o Viena, com os quais Protásio *berganhou* a sua mercadoria por sal e panos. Regressou com os Elias, ao Sucuriú e dali à sua Piaba, onde o esperavam sua heróica mulher e seus filhos.

Tornara-se mais alegre e valente com essa proeza, que não tardou ser sabida de todos os seus parentes e conhecidos de Santana. Outros audaciosos vinham para o sertão do Protásio. Nesse período, ali chegava com retardo a notícia da queda da monarquia e da proclamação da república, fatos que não tiveram grande repercussão nem compreensão.

O mineiro Antônio Trajano dos Santos afazendou-se nas Três Lagoas descobertas por Protásio; Delfino Antônio dos Santos, irmão deste, afazendou-se nos varjões do rio Sucuriú; Antônio Paulino, genro de

Necésio Ferreira de Melo, afazendou-se no ribeirão Campo Triste; Manuel Garcia Leal fundou retiro no rio Pombo, afluente do rio Verde; e muitos mais.

Mais tarde, vieram para o sertão: Joaquim Germano, D. Silveira Nogueira com seus filhos, para Santa Rita do Rio Pardo, na velha posse dos Barbosas; os Ferreira Vida, para os ribeirões Brioso e Prata; os irmãos Costa Lima, para o rio Taquaruçu; os irmãos Silvério e Rogério Lino, para o rio Verde; os irmãos Urias e Francisco Queirós, fundando retiros no ribeirão Barra Bonita, afluente do rio Verde; Urias Rodrigues Povoões, para o córrego do Pinto; Benevenuto Moreira, João Macena e Olímpio de Azambuja, para o Campo Triste; os irmãos Januário e Galeano Garcia Leal, para os ribeirões Prata, Imbaúba e Bagaçu, afluentes do rio Sucuriú.

A prosperidade tornou-se grande e o recuo da felicidade também foi grande. O velho Protásio narrou suspirando: eu vivia na glória. Surgiram revoluções em Santana e com elas os assaltos de rapina aos rebanhos dos sertanejos pacatos. O sogro de Protásio, já bastante idoso, viera morar com ele na Piaba. Protásio tivera com sua mulher mais cinco filhos: Benevenuto, Belarmina, Getúlio, João e Manuel. Para batizar os dois primeiros, teve que levá-los a uma festa religiosa que teve na serra da Moranga, feita pelo vigário de Santana.

Mais tarde, surgiu na Piaba, pela primeira vez, o padre Ferraz, numa excursão ao novo sertão, e batizou os outros filhos de Protásio. Nessa ocasião Protazinho encontrava-se à morte com febre maligna e este padre salvou-o com uma sangria e uns purgantes fortes.

O velho Protásio diz que, afora essa moléstia grave de seu filho, somente tiveram, certa ocasião, uma sarna terrível, que a ninguém poupou. Foi debelada em todos com um melado de cozimento de cascas de sucupira, preparado por sua mulher. Sua medicina comum eram uns remédios caseiros trazidos de Santana e umas ervas plantadas no quintal. Na zona do rio Pardo, morava um curador sertanejo, Modesto Luís de Oliveira. Protásio nunca precisou dele.

Seus enteados e filhos criaram-se e casaram-se aos poucos. Mais tarde, surgiram na Piaba os primeiros engenheiros explorando o traçado

da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, drs. Emílio Schnoor e Gonzaga de Campos. No ano de 1909 apareceram também na Piaba o inglês Slather e o dr. Inácio Paes Leme, para tomarem posse das terras do Taquaruçu, que George Walter Waldron comprara em Uberaba dos herdeiros do padre Francisco de Sales Fleury.

A construção da Estrada de Ferro Noroeste tornou-se fato e a ponta dos trilhos atingiu Itapura; e os trabalhos iniciavam-se na margem de Mato Grosso. Em Itapura, montava-se o primeiro navio da Cia. Viação S. Paulo-Mato Grosso, para a navegação do rio Paraná.

Verdadeira revolução implantava nova ordem no sertão e atingia as terras do velho Protásio, na Piaba. Protásio, assombrado, teve que ir aceitando a nova era civilizadora. Em 1911, construiu casa de material na sua fazenda. Somente em 1918, conseguiu do governo de Mato Grosso o título definitivo de sua propriedade, conquistada com o seu esforço e a sua tenacidade de sertanejo forte.

Sertanejo forte, franco e de grande raciocínio prático. Sempre soube se bastar e resolver sua vida e suas dificuldades. Agora, aos seus oitenta e quatro anos já completos, tendo perdido sua heróica companheira de sertão, suspira pensativo: Como era lindo o meu sertão...

Os sonetistas de Três Lagoas

José Couto Vieira Pontes

Outro núcleo populacional digno de destaque é Três Lagoas, fruto também da Noroeste, que passa a tomar impulso na década de 20, beneficentemente influenciada por São Paulo, a onze quilômetros de Jupiá, e também nascera embalada num sonho, felizmente concretizado, de quase lenda à realidade: Urubupungá. O coronel Felelon Costa dizia, com a elegância de seu porte de chefe político e homem influente nas décadas de 20 e 30: – Urubupungá só para os meus netos.

Nessa pequenina cidade, de uma população faceira e servida por trem diário da Noroeste, com o esplendor das lagoas e a elegância do Hotel Modelo, que só fala em negócios e tratamento de saúde em Lins, Bauru e São Paulo, vão surgir três grandes figuras da literatura do Sul:

Rosário Congro, Elmano Soares e Sabino José da Costa, autores de belos poemas e sonetos. Dentre todos os sonetos de Rosário Congro, e também os poemas que escreveu, na maioria, denunciam um esmero pela forma, a escolha de vocábulos exóticos e de sonoridade especial como *copernícia* (em Carandazal), *hieráticas* (As garças), sinais que evidenciam o teor parnasiano de sua poética.

Na década de 40, quando o poeta atingira o auge de seu poder criador, a juventude três-lagoense conhecia e recitava em cerimônias escolares um soneto seu que fez época:

As garças

Morre a tarde de rosas na planura,
No Pantanal desce a tristeza agora,
Branças, tão brancas como a neve pura,
Ao pouso as garças voltam, céu em fora.

Quando refulgem os vitrais da aurora
Na beleza sem par da iluminura,
O bando, que nas frondes se alcandora,
Parte em revoada, sobre a vasa impura,

Aves hieráticas das verdes naves,
Dos silêncios profundos e suaves,
No sonho azul das íbis enlevadas...

Lírios alados das regiões serenas,
Trazeis na alvura imácula das penas
A pureza das virgens impecadas!

A florescente cidade, bafejada pelo progresso de São Paulo, exhibe uma sociedade garbosa e festiva. Os dois clubes sociais, o Concórdia (dirigido pelo tabelião Nané – Manuel Pedro de Campos) e o Grêmio, ambos de frente para o belo Jardim Público, ao centro a capelinha de Santo Antônio, freqüentada pela elite, a ouvir os sermões do Pe. Bernardo Cicco, aluno de Dom Bosco e onde se celebraram as exéquias do Pe. João Crippa – são rivais e disputam o melhor carnaval, com blocos juvenis e de adultos, fazem festas de São João e sessões lítero-musicais.

Nestas, ao lado de poesias de Bilac, Casimiro de Abreu e Raimundo Correia, as adolescentes recitam também os versos dos poetas locais. Foi no Concórdia, numa dessas noites feéricas, que uma aluna do Colégio 2 de Julho, de João Magiano Pinto, declamou de Rosário Congro este soneto que, sem dúvida alguma, constitui um dos tesouros de nossas letras, no qual o bardo retrata a lagoa maior que ainda existia exuberante na década de 40, com praia de areias brancas e balneário com ponte e regatas construído pelo eminente prefeito coronel Manuel Pereira da Silva (lendo a lista telefônica de Três Lagoas, não vejo seu nome numa das ruas). Este soneto está encerrado numa das últimas obras de Rosário Congro, “Sombras do Ocaso”, editada pela Livraria Rui Barbosa, em 1953, cujo precioso e raro exemplar me emprestou seu genro, o ilustrado confrade prof. Licurgo de Oliveira Bastos:

O céu inteiro se reflete nela

Da seriema o canto rude ecoa.
Suave, o vento no juncal murmura.
Venusto é o bando de nitente alvura
que, sobre as águas, plácido revoa.

Panda, uma vela vai boiando à toa.
É uma vitória-régia que fulgura
no verde seio imenso da planura,
esta formosa, edênica lagoa.

É tão serena e vasta e assim tão bela,
– de dia o sol, à noite a luz triste –
que o céu inteiro se reflete nela!

E o próprio Deus, a azul mansão abrindo,
ao seu encantamento não resiste,
nela se mira, como nós, sorrindo.

Terminada a festa, na manhã seguinte, debaixo da porta do assinante, está um exemplar da Gazeta do Comércio, o jornal de Elmano Soares. Bem impresso, boa redação, papel de primeira, parece um periódico atual, onde Rosário Congro e Sabino José da Costa mantêm polêmica literária. Estamos em 1940, em plena guerra, a 10 de maio, 5 de ma-

nhã, 3.000 aviões alemães sobrevoam a França, a Bélgica e a Holanda e dos céus dos Países Baixos caem mais de 4.000 paraquedistas. O rádio Belmont vibrando: Londres, B.B.C. de Londres, Tóquio, olhar de criança sem entender tudo aquilo e por quê?

Mas a cidadezinha está longe desse teatro apocalíptico. Suas areias brancas, seus mangueirais imponentes e as paredes sem reboque da matriz nada têm a ver com o conflito, de modo que os seus poetas têm paz necessária às produções românticas. De Elmano Soares, que nos legou formosas poesias líricas, como “Desilusão”, há uma célebre composição poética em que exalta a Cidade Caçula, dizendo de início:

Não eras nada, simples terra adusta,
Terra arenosa, improdutiva e má,
Tua vegetação rala e vetusta
Não produzia os frutos que Deus dá...

No entanto, afinal, o poeta reconhece a aleluia do progresso e do pioneirismo a invadir-lhe os quatro cantos:

Mas eis que chega imperioso e forte
O progresso, galgando o Paraná;
Atira-se ao trabalho, não se assusta
E a estrada férrea logo após nos dá.

Para concluir, no clímax do entusiasmo:

E cingindo-te a frente de coroas
Como princesa de altaneiro porte,
Erguem-te um trono à beira das lagoas...

Nessa época, o soneto continuava ainda bastante explorado pelos poetas. Era a forma preferida a qualquer outra composição poética.

Vimos com que galanteria uma pequenina cidade do interior pôde reunir em seu seio três ilustres sonetistas que, embora não sendo três-lagoenses, têm seus nomes integrados na história literária da localidade em que mourejaram. (...)

Que privilégio concedera o acaso a esse minúscula comunidade, ainda no albor de suas arremetidas pioneiristas, em poder ouvir o canto substancioso e bem cadenciado de excelentes criações poéticas!

O umbuzeiro

Sabino José da Costa

Do Sol abrasador as áureas chamas
Crestaram várzeas, campos, matagais!
A morte em tudo! Ressequidas ramas
Soltam-nos estálidos, crebos ais!

Vastos lençõs de viridentes tramas.
Que são agora? – Múmias vegetais!
Verde umbuzeiro! Tu, só tu não clamas
Contra o estrago da seca tão voraz!

Previdente, guardaste em tuas raízes
A linfa e seiva que resistem sóis!
Mas tuas irmãs, inermes, infelizes,

Que embriagaram de cores arrebóis,
O dorso esmeraldino de matizes
Mil, vêm mirradas, transformado em pós!

Cavaleiro da esperança

Sabino José da Costa

Cavalgando o corcel das ilusões
Armei-me cavaleiro da esperança!
Dos sofrimentos, fiz os meus brasões
Da dor que fere e punge a minha lança!

No escudo do desprezo, os vis baldões
Apago, sem um gesto de vingança!
Para os golpes da inveja e das paixões,
Tenho um terçado de ironia mansa!

Eu quero a luta nobre, peito a peito,
E em campo raso, de viseira erguida,
Terçar polidas armas com respeito.

E a cada cutilada desferida,
Ver triunfante o erro em luz desfeito,
Através da verdade esclarecida.

O romeiro

Sabino José da Costa

Romeiro do ideal, gentil viajor,
Partiu cantando pela vida afora!
Levava n"alma um roseiral em flor
E sonhos lindos como a luz da aurora!

Uma lira era o seu bordão! E por
Farnel – ambrósias de esperanças – que ora
Tinham de castos beijos o sabor,
Ora o travo agridoce de quem chora!

Foi assim que partiu o peregrino,
Para cumprir, no mundo, o seu Destino

.....
À beira do caminho ele recorda...

E dos seus olhos tristes rolam pérolas,
Que vão arrancando estas notas quérulas,
De abandonada lira, já sem corda!

Coração sem mágoa

Sabino José da Costa

Alma tranqüila, coração sem mágoa,
Vou caminhando pela vida afora!
Se a Dor, às vezes, me enche os olhos d'água,
Enxuga-nos a Fé, tal como a aurora

O orvalho enxuga, na celeste frágua
Ódio nenhum meu coração devora!

Ambição, não na tenho; e certo, trago-o
Em minha alma, que nada quer, a implora

Tudo: – pão para as bocas que têm fome,
E aos que, nas trevas, vivem – muita Luz!
E ao desgraçado, esse a que a Dor consome,

Que siga o nobre exemplo de Jesus,
Bendizando de Deus, o doce nome,
Cristãmente abraçado a sua Cruz!

Prece de poeta

Sabino José da Costa

Na lira afogo a minha dor. Do pranto
As lágrimas transformo em pedras raras!
Se morrem minhas ilusões mais caras,
Sepulto-as nas estrofes do meu canto!

Tronos, riquezas, espadas e tiaras,
Tudo é falaz – a fímbria do meu manto
de poeta, que arrasto pelas aras
da Catedral dos Sonhos, num encanto

Suaves de Arte e de beleza, vale mais!
– Milagres da Poesia, que com ais,
A vida canta e canta o Belo, o Amor!

Dá-me, pois, sempre lágrimas, Senhor!
– O Desengano, a Dor como a Tristeza,
Para o bardo é motivo de Beleza!

Aventuras duma coruja

Sabino José da Costa

Quis a coruja ser cantora, e então
Para disfarçar a feia catadura,

Enfeitou-se com as penas do pavão
E as perninhas trocou com a saracura.

Nesse chiquê, abandonou o chão,
Rumo ao Pindo, que fica a grande altura.
Bateu as asas mas um trambolhão
Deixou-lhe em caco a frágil ossatura!

Agora, claudicando duma perna,
Desiludida, volta para a caverna
E pia: Era uma vez um sabiá...

Dizem que a culpa toda é da Inaiá
– A bugrinha saída, que, ao relento,
A canela esticou de assanhamento!

Cassilândia

Hermelina Barbosa Leal

Nos idos de 1920, qualquer pessoa vinda de Santana do Paranaíba, Estado de Mato Grosso, com destino ao Taquari, no dorso de um animal (único modo de viajar) cansado e sedento, sentir-se-ia alegre ao chegar à beira do rio Aporé. Eram dois dias de marcha cansativa, cavalgando muitas dezenas de léguas, de fazenda em fazenda, até rarearem-se as casas, e viajava-se parte do dia sem ver morada, nem gente, apenas grandes e cerradas florestas, onde os jatobás gigantes e os cedros altaneiros entrelaçavam suas folhas lado a lado da estrada, oferecendo-lhe sombra e abrigo, só perturbada pelo canto dos pássaros e, de vez em quando, pelo barulho de alguma onça, veado, cateto ou mesmo algum tatu a esgueirar-se por entre as folhagens.

“A estrada que atravessa essa região inculta desenrola-se à maneira de alvejante faixa coberta de areia, fertilizada aliás por um sem-número de regatos e ribeirões cujos contingentes são outros tantos tributários do claro e fundo Paraná”.

Nessa época já viviam na região, dando os primeiros vestígios humanos, os fazendeiros Antônio Paulino, Isaías Teixeira Borges (Isaías Bito) e Evangelista Cândido de Oliveira, como arrojados pioneiros dessa região, ainda bruta, fazendo parte do sertão dos Garcias.

Corria o ano de 1926. Atravessando o sul de Goiás, um viajante vindo das bandas de Patrocínio, Minas Gerais, deteve-se, por momentos, ante o salto do Aporé. As águas, correndo vertiginosamente, despenham de uma altura de vinte metros, mais ou menos, rolando aos borbotões de espuma, para correr mansamente a uma centena de metros abaixo. Um quadro extasiante! Digno do pincel de um artista!

Depois margeou o rio até a passagem das canoas e, transpondo-o, chegou à terra que escolhera, que era devoluta. A mata cobria a gleba, boa para plantação, estendendo-se do rio ao norte; à estrada de Cuiabá ao sul; lá no leste, ao longe, ficavam as barrancas do Paraná; a oeste, distantes, as cabeceiras do Prata, na serra dos Baús.

Esse viajante, de cor morena, porte baixo, cabelos e olhos negros, feições decididas, era Joaquim Balduino de Sousa, conhecido pela alcunha de Cassinha. Filho de José Balduino de Sousa e D. Vicência Marciano de Sousa, nasceu no dia 14 de maio de 1895, em Patrocínio (MG). Trouxera sua mulher, D. Maria Francisco de Jesus, e os filhos: José Balduino de Sousa, Cândida Maria de Sousa, Anésia Maria de Sousa, Sebastião, Adélio, Ornatino, Odílio Balduino de Sousa e Anísia Maria de Sousa; construindo uma casa de madeira, aí fixou residência. Homem humilde e de pouca cultura, derrubava o mato, plantava e colhia suas roças, transportando os produtos para casa num carrinho, que ele mesmo fizera, puxado por quatro cães e dois carneiros. Era a coisa mais interessante encontrar algum vizinho e os cães ladrarem bravos, atrelados ao carrinho.

Assim conseguia sustento para a família, sem maiores provações. E vivia feliz. Seus vizinhos, também posseiros nas mesmas condições, porém mais abastados, pois possuíam algumas cabeças de gado, eram Antônio Paulino, Isaías Teixeira Borges, vulgo Isaías Bito, João Vieira Gonçalves, vulgo João Cadete, Isaías Cândido Barbosa, José Barbosa de Oliveira, seu genro Ricardo Barbosa Sandoval, Sebastião Franco de Sousa, Mamede Garcia da Silva e José Carneiro da Silveira.

Em março de 1936, chega a este sertão bruto, vindo de Santana do Paranaíba, a lendária terra de Inocência, tão bem descrita por Taunay, um jovem destemido e resoluto, trazendo a mulher e um filho pequeno. Em sua companhia viera também um irmão mais moço, João dos Santos Leal, também com a família.

Este jovem, por nome Sebastião Leal, de estatura mediana, tez clara, olhos e cabelos castanhos, fisionomia meiga e simpática, nascido a 22 de fevereiro de 1906, em Santana do Paranaíba, filho de Virgínio Garcia Leal, da tradicional família Garcia Leal do Sete Orelhas, e de D. Brandi Rosa dos Santos, contava com trinta anos de idade. De natureza calma e decidida, viera para a companhia do sogro, José Barbosa de Oliveira, que o ajudou a escolher uma posse nos referidos terrenos devolutos, para si e seu irmão.

Sebastião Leal e seu irmão João tomaram posse às margens do ribeirão do Salto e Cedro e aí fixaram suas residências. Sebastião Leal, homem simples, mas de grande visão do futuro, juntamente com Antônio Paulino, outro autêntico desbravador, resolveu requerer as terras ao Estado de Mato Grosso, pelo sistema de usucapião.

Em fevereiro de 1943, convocando todos os fazendeiros da região para uma reunião em casa de seu sogro José Barbosa de Oliveira, Sebastião Leal juntamente com seu amigo dr. Wladislau Garcia Gomes, conhecido por dr. Zico, jovem advogado, vindo de Santana do Paranaíba, explicou a todos da necessidade de fundarem uma vila, onde pudessem satisfazer as necessidades do povo, trazendo também um pouco de conforto a essa gente simples e laboriosa. Aceita a sugestão, faltava a escolha do lugar.

Sebastião Leal contemplou o vale, admirando as lombadas laterais, semiparalelas, extensas, desprendidas quais tentáculos da serra longa longínqua. Compreendeu que estava na cabeça de uma região, passagem natural de Goiás, do oeste mineiro e do leste mato-grossense para São Paulo. E o seu espírito de bandeirante lhe ditou que seria ali o lugar ideal para uma cidade.

Esse lugar pertencia a Joaquim Balduino de Sousa, o Cassinha. Esse permitiria a formação do povoado em suas terras e doaria 100 X 140 m²

ao santo de sua fé, que era S. José, e a vila se chamaria S. José da Cassaria, em homenagem ao seu nome; do que discordou a maioria, sendo aceito, por sugestão do sr. Isaiás Cândido Barbosa, o nome Cassilândia – derivado de seu apelido Cassinha.

Haicais

Flora E. Thomé

Quatro as estações
do ano. Múltiplas
as estações da vida.

Cores se abrem
no campo e flores.
Primavera.

Ardem as cores
no tempo e horizonte
Verão.

Cores amadurecem
nas árvores e no chão.
Outono.

Fecham-se as cores
no espaço e mãos.
Inverno.

Esqueceu-se da tabuada...
Em seu lugar,
decorou a natureza.

Colorido no céu:
pipas de papel
brincando de haicai.

Jabutigrama no quintal
Chão coberto de flores:
amores não acontecidos.

Sobre vitórias-régias
o sol derrama
compondo girassóis.

Não lamentos
pétalas desfolhadas.
Outras há... outras virão!

Outono:
Nudez nas árvores
Mudez no coração.

Ao longo do caminho
taboas perfiladas
vêm o dia desfilar.

No mar, o horizonte
se perde. No horizonte
quem se perde é o mar.

Do lado de cá do rio,
em tarde de sol,
a tarde morre mais tarde...

Atravessando o rio
o tempo é mais, é menos.
Fuso-horário lúdico.

Bêbadas no espaço
nuvens compõem
figuras abstratas.

Em galhos feitos de nós
a árvore mais parece
camisa-de-força.

Mangueira no quintal.
Memória inspira respira
instantes felizes.

Ó lagartixa
o que mais te assusta:
ruído ou inquietação?

Bogarim no alpendre.
Vida pela metade:
pai e mãe.

Na estrada, faróis
piscam sombras e fantasmas.
Fauna noturna.

Formigas na sala
me fazem companhia.
Fora, a vida arde...

Morcegos transitam
nos medos que mastigo.
Crescem a noite e o medo.

Borboleta passeia
e no quarto se instala.
Comunhão a dois.

Na geografia azul
pássaros voam
Cantando ilusões.

Retratos

Flora E. Thomé

Ontem, Avenida Central
Hoje, Antônio Trajano.

80 anos de passarela!

Do sagrado ao profano,
do homem ao animal,
das corridas de cavalo
à raivosa trepidação
dos carros e motos!
Gente miúda e graúda
num desfile permanente
no registro do cotidiano!

No início,
a lendária estação da NOB...
No centro,
o solitário relógio...
Mais adiante,
a Matriz
– reduto dos crentes...

E nesse mosaico
de apitos acenos ponteiros
preces cânticos
árvores areia pedras
e silhuetas
humanas animais e vegetais

há

80 anos de passarela!

Ontem, Avenida Central...
Hoje, Antônio Trajano!

Mais de meio século
registrando imagens e vultos,
momentos e eventos
marcantes
marcados.

Antes,
em preto e branco.

Atividade
de quem vê e registra
a história linear
“bem comportada”
alegre ou triste,
solene ou chata
e, que no tempo,
sem naufragar,
intacta,
permanece!

Momentos da vida
com cheiro de cinza e mofo
marcantes
marcados!

e ora repousam
no silêncio das gavetas
na poeira dos álbuns
ou nos gritos da memória!

Meio século de histórias
e de fotografias!

De foto
e grafias.

.....
RETRATOS.

Idade atemporal!
Coração travesso
moleque
menino!
Coração palhaço!

Corpo franzino!
Olhos fundos,
mágicos, suspensos,
sem mágoas...
enxergam longe!

No ardor
do sol
da noite
traz lembranças ciganas, piratas,
e, como saltimbanco,
faz do riso
o lado forte,
o passaporte,
para enfrentar
a vida guerreira
que nunca lhe tira o humor!

O riso,
a graça,
razão de amar
não só o amor,
às vezes, a própria dor!
E nesse jeito de ser
a vida lhe é uma grande piada!

Nele há uma eterna criança acesa!

Três Lagoas, 1986.

Porte nobre
sorriso triste!
Olhar estrelado
intenso!
Politizada,
A Musa de Elmano
foi Poeta também!
Seu EU
um candelabro aceso,
verde,
na viga-mestra
da vigorosa Gazeta do Comércio!

Vida
de enigmas
de silêncio
de palavras
e de esperanças!
Vida
de incertezas e desafios!
De muita luta e coragem!
Vida
feita de ideais!

A Imprensa – o poema concreto.
A Gazeta do Comércio – a bandeira permanente!

Muitas vidas
contidas num único enredo!

Paredes frias,
muros altos,
janelas sem horizontes,
sem espaço verde,
sem terreno baldio
ou criança descalça,
brincando de amarelinha...

Hoje,
tudo oco e vazio!
De vizinhos
e lembranças...

Infância sem acidez,
solta,
esparramada
pela bacia arenosa
na rua feita de trilhos
sem promessas ou direção!
Lembranças
das Casas Pennelli,
Oliveira, Preferida...
Do Mercadinho da esquina
e da venda da Dona Fé!
– da Casa Barateira?!
nem se fala!
– reduto da família inteira
e dos meus ofícios também!
(Entre eles,
mitos, medos
e os meus ais!)

Hoje
tenho a rua pelo avesso:
oca e vazia...
De lembranças
e vizinhos.

* * *

Um riso
um corpo
um nome
Rosa.

Percorre a vida em êxtase
com cheiro de um riso cintilante.

É um corpo mágico,
é um corpo plástico,
revolto e selvagem
cheio de delírios
cheio de suspiros
cheio de ais...

E na clausura de seu porte,
seus passos parecem cais
de ternura e malícia...

É o riso vadio
de uma rosa
que desfila
pela vida
que oscila entre o Bem e o Mal!

Vida vadia
Vadia Rosa!

* * *

Pequena só no nome...

Sua vida,
um labirinto
de espanto e incerteza,
vagava entre abismos!

Coragem e vontade
feita de pedra das rochas...
De pedra pisada
de pedra penada!

Fez da vida
um instrumento de sacrifícios
num horizonte
que mediava
entre o surdo e o breve
à missão que se lhe impôs!

Numa casa de farrapos
passou a vida...
Passou a vida...
a recolher vidas inocentes,
errantes
e de crenças ulceradas!

E em um vale
de miséria e aflição humana,
essa figura de orvalho
gastou a vida
numa luta permanente!

A Grande Maria Pequena
possuía coração de passarinho...
Sua alma
talvez
descansa
ou se abriga
num Asilo de Jacó!

* * *

Momentos da infância
plantados no meio da rua!

Avental e quepe branco,
voz estridente,
riso e gestos largos,

tocando a sua buzina,
lá vinha o João Sorveteiro
coçar a vontade da gente!

De cara,
logo dizia:
– sorvete só com trocado!
– fiado, não!

E para agonia nossa
a vontade pelo sorvete
já nem tinha cor!
O corpo se encolhia.
Olhos na garganta
e a língua, nua e solta,
sonhava
com o sorvete
do Sorveteiro João!

Todas as tardes
a cena se repetia:
– lá vinha o João Sorveteiro
coçar a vontade da gente!

Mas, sorvete...
só com trocado...
– fiado, não!

Desejos da infância
derretidos no meio da rua.

* * *

No meio das Marias,
mais uma, a da Valéria...
Vagava pela cidade
em passos de abandono

e de enfiemas
sombreados
de sombras e fantasmas.

Lenço amarrado à cabeça
roupas frouxas,
sonolentas,
sobrepostas umas às outras!...
Olhos fixos no vazio,
pés descalços
e mãos a espantar
a invisível mosca invisível
que, em sonhos,
ou pensamentos,
a perseguia...
Arisca,
murmurava em silêncio
a mudez que a trancava...

Ovelha morena
nos mormaços e algazarras
da cidade!

.....
Maria da Valéria.

* * *

Sempre de camisola
lá vinha o Zeca
em ritmo de agonia
regendo a vida...

Magro, cabelos cor de sangue,
diáfanos.
Riso frouxo
úmido pálido.

Sem memória,
era a própria mudez do silêncio!
Movido pelo abandono,
os passos
cambaleantes e trôpegos
pareciam querer ruir
seu corpo amargo
doído
obtuso!

Seu vulto elástico,
retorcido,
me doía o útero me apertava a alma
me gritava fundo!

Zeca Camisola
– uma cicatriz na minha infância.

À professora anônima

Aldo de Queirós

A neve do tempo inexorável
tingiu de um branco respeitável
a basta cabeleira que a adorna.

Já se apagou no tempo a figura
da jovem da festa de formatura...
Quantos anos... Alunos... Quem informa?

– Abençoa, Senhor, tão nobre mister
que importa padecer mil vezes

e que vale por ser mãe tantas vezes
numa existência apenas de mulher.

(COM OS PÉS NA TERRA...)

Apenas flores

Aldo de Queirós

Só na distância é que se tem valia
de quanto unidos nos fizera um dia
o bom Destino – o que olvidamos sempre...

Então na ausência que me impõe a sorte
ressurge em mim aquele elã mais forte
e que mais se impõe quanto mais me ausente.

Mas no retorno, por que tanto anseio,
me assoma o peito tal matiz d'amores
que me embarga a voz e chorar receio.
– Sorrindo apenas te ofereço flores.

(COM OS PÉS NA TERRA...)

O meu balão

Aldo de Queirós

Quando pequeno
fui ver soltar balão.
Não pude compreender,
nem me explicaram bem,
como aquela chama fazia o balão subir.

E os anos se passaram
e nunca fiz o meu balão.

Então um dia me disseram:
Cuida da tua chama,
que ela te trouxe até aqui.

Aí senti que me queimava
e um calor que abrasava...
E compreendi o meu balão.

(COM OS PÉS NA TERRA...)

O buriti

Aldo de Queirós

O cerrado estaca brusco, em fileiras,
como se fora enorme infantaria
e contorna, respeitoso, a cabeceira
que se estende em verde tapeçaria.

Na vargem verde-escura uma palmeira
a solidão e o tempo desafia,
É o nosso buriti. À sua beira
‘té mesmo a própria fúria silencia.

Qual profeta ou monge ou santo concita,
da mansidão do verde em que habita,
retorno à paz e ao amor que o gerou.

É ponto de exclamação que a bendita
mão do Demiurgo deixou na escrita
co’a qual no Livro a Obra registrou.

(COM OS PÉS NA TERRA...)

Pequeno esmoler

Aldo de Queirós

Ao vê-la assim, pobre criança,
órfã da própria infância
que com o tempo se esvai...

Ao vê-la assim quase nua,
anunciando pela rua
a desgraça dos próprios pais...

Um sorriso me sai mansinho
disfarçando imo sofrer

de um choro, por dentro, baixinho
que os olhos não podem ver.

(COM OS PÉS NA TERRA...)

Paranaíba

Aldo de Queirós

Cidade símbolo, cujo ar, vetusto
sugere a imagem de um varão agosto
que ganhou na luta o laurel final.

Testemunho vivo da nossa História!
Relicário eterno de tantas glórias!
Dos sertanistas ontem o bom fanal.

Colmeia humana onde o seu passado
sempre foi calor de um valor seguro

na fusão lenta de um presente amado
a forjar as marcas do seu futuro.

(COM OS PÉS NA TERRA...)

Tuíca

Tonico Lemos

Meu nome é Mário, e já tenho sete anos. Não sou um rapaz porque ainda sou pequeno. Um dia fui com a mamãe na casa que ela trabalhava e ouvi a dona Paula dizer para o filho dela comer tudo, senão ia ficar pequeno toda a vida. Deve ser por isso que ainda não cresci, pois lá em casa a gente quase não pode comer, tem que deixar para os outros irmãos mais pequenos, e a mãe também nem dá mais conta de dar de mamã para a neném.

O dinheiro que o pai ganhou de emprego, escutei ele dizer para a mãe que já acabou todo. O meu pai trabalhava na fazenda do sr. Rui,

onde a gente morava. Lá era bom, a gente brincava com os carneiros, os cachorros, os bezerros e com a Tuíca. Tomava leite todo dia, até encher. Comia almoço, janta, merenda, e às vezes tinha frango, carne e até peixe, quando o seu Joaquim ia pescar. Dia de domingo, às vezes os vizinhos iam lá pra casa jogar truco e traziam os meninos, aí a gente brincava de tudo: pique, esconde-esconde, rabo de raposa e outras que alguém inventava.

Cada vez que a dona Jandira vinha dormir em casa para fazer quitanda e doces para as festas da redondeza, de noite, antes de dormir ela contava histórias pra gente até tarde da noite.

Uma coisa eu não gostava era do final, porque ela sempre acabava dizendo: e aí eles se casaram numa grande festa e ela estava lá e vinha trazendo doces e biscoitos para nós, mas quando passava na ponte do rio levou um trupicão e os doces caíram dentro d'água.

Toda noite ela contava as histórias, quando ia chegando perto do casamento, eu já me lembrava da festa e já começava a torcer para ela não trupicar, mas não tinha jeito, sempre acontecia a mesma coisa. Tinha noite que eu chegava a sonhar com os biscoitos e doces das festas lá do palácio da dona Jandira.

Um dia até tive uma idéia e falei para ela pedir ao príncipe, que era muito poderoso, pra levá ela na carruagem na hora que ele fosse embora, só até passá a ponte, aí evitava dela cair e a gente ficar sem as quitandas que ela ia trazer pra nós. Ela achou muita graça, mas não deve ter falado nada com ninguém, porque no final sempre ela escorregava na ponte e acontecia a mesma coisa. Mas de qualquer forma...

Como tudo era bom! O sr. Rui, cada vez que vinha para a fazenda, trazia bala, doce e pão pra nós, e até algumas roupas para o pai. Nós tinha até uma leitoinha, a Tuíca, que o seu Joaquim deu para nós, porque achou que ela não ia sarar da batedeira, que é uma doença que dá nos porcos. Já tava bonita, gorda – também, toda manhã eu arrancava mandioca, catava frutas do chão e dava tudo para ela, e ainda ajudava a mãe arrumar a lavagem que ela comia até num güentá mais. A gente brincava muito com ela. Bastava falar Tuíca, ela vinha para perto, já deitava com a barriga para cima e ficava roncando pedindo para coçar.

Se passasse muito tempo o pé na barriga dela, ela dormia que chegava subiá, de tanto achava bom. Um dia, bem cedo, eu nem tava acordado direito e escutei um grito da Tuíca. Gritava tão alto que parecia que queria acordar todos os bichos da fazenda e os vizinhos. O grito não parava e ficava cada vez mais forte. Não güentei mais. Alguma coisa me falava que estava errado. Abri um pouco um olho e já pulei da cama.

Quando cheguei na porta da cozinha, vi meu pai, com uma faca na mão, toda cheia de sangue, indo no rumo do tanque de lavar roupa. Minha mãe vinha chegando do paiol, com um saco cheio de palha de milho. Olhei perto do chiqueiro e vi a Tuíca no chão, em cima de umas folhas de bananeira, toda ensangüentada, já gritava menos e mais baixo, e o seu corpo tremia todinho. Não güentei. Chorei, chorei tudo que pude e voltei para o quarto. Não queria ver mais aquilo e não queria saber de mais ninguém.

Pensei que eu queria dormir e que quando acordasse aquilo não era verdade, e que eu ia levantar e arrancar mais um monte de mandioca para ela e depois coçar a sua barriga até ela roncar. Tampei a cabeça com o travesseiro e só dava conta de chorar, e não conseguia dormir de jeito nenhum. De repente ouvi a mãe dizer para o pai que a água de pelar a leitoa já estava quente e que ela ia falar com aquele menino. Eu não queria estar ali, não queria ver a mãe nem o pai, não queria abrir o olho nunca mais. A mãe chegou no quarto e disse que depois ia arranjar outra leitoa, mas agora precisava matar aquela, pois estava passando do ponto, além disso a mandioca estava para acabar e a coitadinha iria acabar morrendo de fome, pois nós nem tinha dinheiro para comprar milho.

Como não estava conseguindo parar de chorar, a mãe mandou eu levantar e ir chorar lá no fundo do quintal, senão ia acabar apanhando do meu pai, que já estava nervoso com a minha choradeira. Ela levantou e foi embora.

Fiquei pensando: por que tinha que ser daquele jeito? Por que as pessoas grandes têm que ser tão ruim assim? Por que matar os bichos que não fizeram nada para eles? Estava pensando em levantar e lembrei duma coisa: a fitinha vermelha que a Tuíca tinha no pescoço quando ela chegou aqui, estava guardada dentro da meia que a minha madrinha me

deu no dia do meu aniversário. Dei um pulo e fui ver dentro do caixote onde ficava as roupas remexi tudo e não achei nada, nem a meia. Fui até a cozinha e perguntei para a mãe se ela sabia, e ela disse que não. Voltei para a cama e chorei o mais baixo que podia, só dava conta de soluçar.

De repente a mãe sentou outra vez na minha cama e ficou passando a mão na minha cabeça e falou: – Meu filho, naquele dia em que nós fomos no aniversário do Joãozinho da dona Marta, a mãe levou a sua meia e você a deu de presente para ele, pois nós fomos convidados e não ficava bem chegar de mãos abanando. Depois vamos comprar outra para você. Ela, de certo, nem viu a fitinha que guardei quando tirei da Tuíca. A mãe saiu, e pensei: eu queria crescer bem depressa, ter barba na cara e comprar tudo que quisesse. Trabalhar bastante, ganhar muito dinheiro e comprar uma Tuíca só para mim, e aí queria ver quem é que ia matá ela. Naquele dia não comi nada, nem comida nem leitoa nem nada. De noite é que a mãe me deu um pouco de chá, porque disse que estava com febre, e que se não tomasse ela iria falar com o pai. Tomei o chá e dormi. Passei a noite inteira sentindo frio e calor tudo junto. Suava tanto, que a mãe teve que trocar minha roupa.

O outro dia, acordei cedo e fui olhar o quintal e ainda vi os cascos da Tuíca jogados perto do batedor onde a mãe lavava roupa. Como não tinha ninguém vendo, catei as unhas, fui lá para o fundo do quintal, fiz um buraquinho com um pedaço de pau e enterrei elas bem fundo por causa dos cachorros.

(MARIANA)

A vendedora de rosas

Rosário Congro

Vendes as rosas que trazes
nas lindas mãos de alabastro.
Seguem-te, todos, o rastro,
ao doce encanto que fazes.

Mesmo que em mim se plantasse
a amarga dor de perder-te,

é meu desejo querer-te
nas rosas que tens na face.

Compro tuas rosas à parte,
essas que trazes na mão,
- terei perdido a razão?
para com beijos pagar-te...

Eu quero as rosas que tens
nesse teu rosto bonito,
mas tão perverso, acredito,
pois tardas tanto... não vens!

(SOMBRAS DO OCASO)

Palmeira

Rosário Congro

Tem a palmeira na esbeltez do porte
toda a ufanía, a majestade e a pompa
dos paços imperiais.

A embalar-se no cimo sobranceiro,
beijando o puro azul que lúcido se arqueia,
ao sol se of rece desnastrando a coma.

É de se ouvir então o doce epitalâmio
dos módulos sabiás!

Entre as que vejo embelezando a praça,
em colunatas circulares
ou perfiladas sobre as avenidas,
velha ruína se mantém de pé.

Não mais tem, a flutuar, a verde cabeleira,
e o busto ereto os vendavais afronta
sustido ainda nas raízes mortas!

Como eras bela!

Teu passado revive nos idílios
que protegeste à luz dos plenilúnios.

Contaste a história da cidade amiga,
as altas palmas farfalhando alegres.

E como asas cansadas se quedavam,
quando a tristeza sobre nós descia...

Quanta nobreza em teu destino existe!

– Como tu, quis subir, sozinho, o poeta...

– Como tu, fronte erguida, hei-de morrer!

(SOMBRAS DO OCASO)

A mangueira

Rosário Congro

Na plenitude da sazão, maduro,
a casca de cetim olente a rosas,
a polpa sumarenta e doce
doirada como um favo,
foi-me o soberto fruto uma delícia
que eu, sôfrego, sorvi.

A sadia semente à terra dei
para o mistério da reprodução.
Germinou.
E a terra, esplêndida nutriz,
em pouco o broto inicial ergueu.
Tomei-me em zelos pela tenra planta
que promissivo arbusto se tornou.

Por fim, arboresceu.
O tronco, reto, deu-lhe o porte senhoril,
a graça, a distinção.

Entre as demais é mesmo a mais bonita.
Povoada de pássaros,
não tardou que a primeira e virginal florada
cobrir lhe viesse, efusa, a fronde.

Era a festa gentil do seu noivado!

Vinte e cinco verões contando agora,
impávida afrontando os rudes temporais,
sua majestade, secular parece.

Congregadas um dia como as monjas
do claustro no silêncio augusto,
das árvores seria a priorosa.

Abençoada existência a da mangueira,
pródiga sempre de gostosos pomos
como de sombra acolhedora e amiga!

Minha doce mangueira e meu enlevo,
sob o zimbório verde,
à luz do luar que escorrer pelas frondes,
a minha prece panteísta elevo!

(SOMBRAS DO OCASO)

Reminiscências

Rosário Congro

II

Naquela tarde fria de agosto de 24, o 12.º de Belo Horizonte, reunido em frente ao edifício em construção, do hotel Modelo, aguardava a ordem de marcha. Pesava uma enorme tristeza quando aqueles duzentos rapazes, metidos em seus capotes, fuzil na bandoleira, se movimentaram, silenciosos, para o desconhecido. Só o comando conhecia os movimentos do adversário. Em pouco veio a noite e a coluna só fez alto lá pelas

22 horas, tomando posição. Transposto o ribeiro junto ao qual, dias antes, tombara o tenente Barbedo, o caminho se bifurca e a força deixando à esquerda o caminho da Independência, continuou até onde a estrada penetra num descampado.

Protegidos lado a lado pela orla da mata, os soldados do cel. Tourinho se estendem. Já ia alto o sol do dia 18 e os rebeldes não vinham. Teriam desistido da arrancada sobre Três Lagoas? Eles se aproximavam, porém, desembarcados no Moeda e ao ganharem a garganta, rompe o fogo cruzado dos legalistas. E foi no desnorteio da surpresa que se desenrolou o combate, com o espanto ainda maior do incêndio da macega, arma que os “alemães”, veteranos da grande guerra, desconheciam e confessaram terrível.

O então cel. Malan, no seu QG, instalado num carro da Noroeste, situado na esplanada, não se despregara durante o embate do aparelho telefônico e da carta da região, num magnífico lance de guerra à moderna.

Fui ver os prisioneiros contentes da sorte, antes de embarcados para Campo Grande. Não eram poucos os estrangeiros e por isso mercenários. Que ideal poderia animá-los na luta fratricida? À noite chegaram ao hospital de sangue (hoje Casa de Saúde do dr. Orestes) os mortos e os feridos. Daqueles, que eram três, foram os corpos conduzidos, tempos depois, para as montanhas nativas. Para essa nobre missão, viera um emissário do Regimento.

Quanto aos revoltosos, retrocediam, rio abaixo, desta vez até Guáira. Dias passados, visitei o “campo de batalha”. Seis pequenos cercados, esparsos na planície, indicavam pelas cruces toscas, que os combatentes anônimos, ali recolhidos, dormiam o sono eterno. Assim determinara o belo espírito cristão do comandante Angrogne.

A história é como um rio, que se avoluma dia a dia com a afluência dos episódios, nem sempre vistos das ribas opostas.

III

A pacata Santana modorrava. Sol a pino, inclemente. Ruas desertas. Longe, subindo lento a encosta do Ferraz, um carro chiava nos eixos e parecia aumentar a molícia nos próprios vegetais.

Eis se não quando, repentino estrépito invade o largo solitário. Cavalarianos de lenço rubro ao pescoço corriam desenfreados, aos gritos. Era a vanguarda de Siqueira Campos.

Portas e janelas se encheram, num momento, de gente aturdida. Não havia notícia da coluna! E a cidade fora tomada sem um tiro, felizmente.

Pouco depois, eram chamados ao QG, no vetusto sobrado da Câmara, os cidadãos conspícuos da localidade. Tratava-se da contribuição de guerra, na medida das posses de cada um. Requisições também foram “regularmente” expedidas para o vasculho das casas comerciais.

Os duzentos e poucos mil réis encontrados no cofre municipal foram destinados pelo chefe revolucionário à caiação do edifício, depois da hecatombe dos morcegos...

Ordem absoluta reinou. Um castigo mesmo se verificou, público e exemplar, corrigindo insopitável tentativa “amorosa”.

Ao retirar-se a coluna, dois dias após, atrasou-se um pouco a culatra, à qual coubera sempre certa liberdade de ação.

De passagem, fez ela sua despedida ao boteco do Juvenílio. Cigarros e fósforos, na quantidade existente, foram “requisitados”. Na prateleira exausta, velho despertador de níquel batia, monótono, tique-taque, tique-taque... O maioral do pelotão, espremendo a vista, indagou: duas e quanto?

Cortês e amável, respondeu o vendeiro: esse não regula, vou lhe dar a hora certa. E mergulhou no aposento ao lado, de onde voltou com um valioso Pateck 22 linhas, doce lembrança de família e, por isso, de grande estimação.

Alongando os olhos cúpidos, pôs-se o “capitão” a elogiar a precisão do relógio e a gabar-lhe o preço dos quilates, a limpar, carinhoso, o vidro do mostrador, e levando-o para o bolso do peito, rematou, sereno: – É deste mesmo que eu necessito.

Juvenílio avermelhou, decepcionado, e mal pôde articular, ainda amável: – pois sim...

E a culatra abalou, ruidosa, deixando a poeira no ar.

(PROSA, coletânea)

Três Lagoas

Tertuliano Amarilha

A cidade que se chama Três Lagoas
E talvez, de Mato Grosso, a mais gentil;
É lembrada por milhares de pessoas
Neste imenso território do Brasil!

Eu amei esta cidade desde o instante
Em que ouvi seu lindo nome alguém falar...
Suas ruas têm aspecto fascinante,
O seu clima é sempre ameno, salutar.

Num futuro não distante, esta cidade
Uma soberba metrópole será,
O que é sonho há de tornar-se realidade,
O progresso que ambiciona alcançará!

Três Lagoas é cidade prodigiosa
Que nos fala da pujança varonil
De seus filhos, dessa gente laboriosa
Que engrandece e glorifica este Brasil.

Vou deixar-te novamente, Três Lagoas,
Como vês, estou chorando de emoção,
Porém vejo que também tu me abençoa
Neste instante de cruel separação!

O templo dos templos

João Magiano Pinto

A escola é o cadinho mais perfeito, mais sutil, mais precioso do
quantos cadinhos existem, para amalgamar, fundir, burilar todos os metais
do planeta, porque ela, embora em forma diferente dos outros cadinhos,
vaza, purifica e ajusta as jóias, que valorizam e aformoseiam tudo que o

esplendor da Natureza descortina sobre a terra – o cérebro e o coração da criança. A escola é o areópago divino onde a roda da lapidação não pára no giro rutilante da imaginação – o estudo.

Toda sabedoria humana, toda ciência que destrói a ignorância, todo invento engenhoso, tudo, enfim, que nos arrebatava, nos empolga, nos extasia de entusiasmo, teve início na humilde escola primária... Foi aí que o intelecto da criança recebeu a primeira vibração sonora da inteligência, cuja força dinâmica dos caracteres do alfabeto, tangido em voz austera e meiga, impregnou na alma infantil os mais alcandorados sentimentos e a compreensão de seu papel a desempenhar no futuro, perante Deus, a Sociedade, a Família e a Pátria.

A escola é o templo dos templos, é a oficina das oficinas, é o horizonte formoso de onde se irradia o sol da vida, refletindo ardente e fecunda de pensamentos nobres, que, esculpidos e evoluídos nas asas do estudo constante, vão se cristalizando imperceptivelmente na criança até que, no influxo do consciente para o subconsciente, os ensinamentos mentais se materializam em atos altruísticos.

Quem entra numa escola, com a alma unguida de sentimentos de humanidade, levando no coração a fé guiada pela esperança de um futuro grandioso da pátria, sente um quê de estranho em si, diferente de outros centros de reuniões, embora sejam eles aristocratas e até mesmo freqüentados por letrados. É que a escola, por mais humilde que seja, significa tudo que existe de sublime na jornada humana.

Ela foi o marco inicial, a grande reta da geometria da vida; ela foi o farol que serviu de timoneiro no mar revolto da existência do homem que aporta feliz ao país das artes... É que, ainda, a escola, com toda a sua simplicidade, está envolta nas malhas da angélica inocência dos entezinhos, onde, num ambiente saturado de pureza, a jovial classe, debruçada sobre os toscos banquinhos-carteiras, faz cintilar a inteligência, movimentando o laboratório da alquimia da felicidade – o saber.

A escola é a arma mais poderosa de que o governo de um país pode dispor para, eficaz e silenciosamente, destruir o mal dos males, a praga das pragas, o mostro dos monstros, o inferno dos infernos que tudo aniquila, atrofia e desgraça – a ignorância.

O único meio de que pode lançar mão o governo de um país, para regenerar o fazer a riqueza de seu povo, é educá-lo suficientemente. Sem isso, jamais, país algum poderá alcançar a meta do verdadeiro progresso.

Só a escola terá a força miraculosa para fazer o levantamento moral de um povo, argamassado no civismo.

O sábio professor Sigmund Freud, já definiu de uma forma maravilhosa, na célebre Psicanálise, o que é a educação da criança na escola primária.

O segredo que possui o dinamismo da força com a qual terá de ser resolvida a grande questão político-social, esse problema transcende tal que vem agitando o mundo de modo assustador, na ânsia de sua realização, está, exclusivamente, na educação da mocidade – na escola.

Só ela fará desaparecer, gradativamente, a estatística do crime, da embriaguez, da jogatina, da malandragem com todo o seu cortejo de horror; só ela, finalmente, possui a magia, o condão que desvenda ao homem o porquê da vida, entregando-lhe a chave do enigma da existência, enigma eternamente indecifrável ao ignorante.

Notas.

1ª. O professor João Magiano Pinto foi fundador da famosa Escola 2 de Julho, de Três Lagoas, por onde passaram várias gerações dos Estados de Mato Grosso e Goiás.

2ª. Este artigo foi extraído, por Maria Pinto de Oliveira Panato, da Revista OURO VERDE, de janeiro de 1934, com a seguinte observação: *N.R. Com a devida vênia, transcrevemos este artigo do nosso brilhante colega – Gazeta do Comércio, de Três Lagoas, de seu número especial de 12 de outubro de 1931.*

Quadro dos sócios efetivos da Academia

Cadeira	Patrono	Titular
1	Nicolau Fragelli	Hernâni Donato
2	D. Francisco de Aquino Correia	Ângelo Venturelli
3	Ulisses Serra	Heliophar Serra
4	Joaquim Duarte Murinho	Guimarães Rocha
5	José Ribeiro de Sá Carvalho	Enilda Mongenet
6	Arnaldo Estêvão de Figueiredo	<i>vaga</i>
7	José Barnabé de Mesquita	Américo F. Calheiros
8	Itúrbides Almeida Serra	Raquel Naveira
9	Mal. Mascarenhas de Morais	Frei Gregório de Pr. Alves
10	Argemiro de Arruda Fialho	José Fragelli
11	José V. Couto de Magalhães	José Couto Vieira Pontes
12	Mal. Cândido M. da S. Rondon	<i>vaga</i>
13	Estêvão de Mendonça	<i>vaga</i>
14	Severino Ramos de Queirós	Jorge Antônio Siúfi
15	Pandiá Calógeras	Paulo Corrêa de Oliveira
16	Rosário Congro	<i>vaga</i>
17	Eduardo Olímpio Machado	<i>vaga</i>
18	Aguinaldo Trouy	Abrão Razuk
19	João Guimarães Rosa	Maria da Glória Sá Rosa
20	Visconde de Taunay	Acyr Vaz Guimarães
21	Arlindo de Andrade Gomes	Reginaldo Alves Araújo
22	Vespasiano Martins	<i>vaga</i>
23	Sabino José da Costa	Rui Garcia Dias
24	Lobivar de Matos	Arassuay Gomes de Castro
25	Arnaldo Serra	Zorillo de Almeida Sobrinho
26	Pedro Medeiros	Adair José de Aguiar
27	Antônio João Ribeiro	Lélia R. de F. Ribeiro
28	Raul Machado	Augusto César Proença
29	Elmano Soares	José Pedro Frazão

30	Otávio Cunha Cavalcânti	Hélio Serejo
31	Henrique Cirilo Correia	Hildebrando Campestrini
32	Weimar Torres	Abílio Leite de Barros
33	Ovídio Correia	Flora Egidio Thomé
34	Tertuliano Meireles	Altevir Alencar
35	Múcio Teixeira	Rubenio Marcelo
36	Frânklin Cassiano da Silva	Lucilene Machado
37	Padre José Valentim	Francisco Leal de Queiroz
38	Enzo Ciantelli	<i>vaga</i>
39	João Tessitori Júnior	Geraldo Ramon Pereira
40	Lima Figueiredo	<i>vaga</i>

Diretoria (2003-05)

Presidente: Reginaldo Alves de Araújo.

Secretário-Geral: Rubenio Marcelo.

Secretário: José Pedro Frazão.

Tesoureiro: Guimarães Rocha.

Segundo tesoureiro: Augusto César Proença.